



Universidade de
Aveiro
2017

Departamento de Línguas e Culturas

YAWEN ZHANG

MACAU ATRAVÉS DOS GUIAS TURÍSTICOS

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo, Professor Associado c/ Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Texto Apoiado por China Scholarship
Council



Dedico este trabalho

Aos meus avós maternos, *Xiong Shaoquan* e *Li Daifang*

Aos meus avós paternos, *Zhang Zhongfu* e *Li Xianyi*

E, por fim,

Aos meus pais, *Zhang Shi* e *Xiong Xuejun* pelo seu incansável apoio.

o júri

presidente

Prof. Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro.

Mestre António José Graça de Abreu
reconhecido como especialista pela Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutor António Nuno Rosmaninho Rolo
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (orientador).

agradecimentos

Durante o processo da realização da dissertação, recebi o apoio direto e indireto de várias pessoas. Neste momento, gostaria de lhes agradecer por me encorajarem até atingir o objetivo.

Ao meu orientador, o Professor Doutor António Nuno Rosmaninho, pela grande paciência, pela orientação prestada e pelo incentivo, e que sempre concedeu apoio e encorajamento. Aqui lhe exprimo a minha gratidão.

Ao Centro Científico e Cultural de Macau, pela disponibilização dos documentos dos guias turísticos de Macau, os quais me deram a possibilidade de realizar a dissertação.

Aos meus familiares e amigos, em especial:

Mo Guo,
Na Gao,
Ana Ramos,
Beatriz Ribeiro,
Carolina Carola.

Para finalizar, quero demonstrar o meu agradecimento a todos aqueles que, de um modo ou de outro, tornaram possível a realização da presente dissertação.

palavras-chave

Macau, Cidade, Cultura, Guias Turísticos, Imagem

resumo

Este trabalho baseia-se na análise textual dos guias turísticos de Macau, procurando os enfoques de cada época e reconstituindo as representações da cidade através dos discursos.

Os guias turísticos de Macau, sendo fontes documentais, refletem as mudanças culturais, sociais e urbanísticas dos séculos XX e XXI. Aplica-se a metodologia de análise quantitativa realizada por Eduardo Brito Henriques (1996) para deduzir os enfoques dos guias. Para além disto, a partir das opiniões transmitidas pelos guias turísticos, reconstrói-se a evolução das representações da cidade.

keywords

Macau, City, Culture, Guidebooks, Image

abstract

This thesis is based on the analysis of Macau's guidebooks, seeking for the focal point of each period and reconstructing the respective images of the city through the sentences.

The guidebooks of Macau, as the documentary sources, reflect the cultural, social and urban changes of the XX and XXI centuries. The study applies the main methodology of the quantitative analysis of Eduardo Brito Henriques (1996), so that the focal points of guides can be found. Besides, from the opinions transmitted by sentences of the guidebooks, the evolution of the images of the city itself can be reconstructed.

Índice

Índice	VII
Lista de Tabelas	X
Lista de Figuras	XI
Lista de Gráficos	XII
Introdução	XIII
Capítulo I – uma história.....	1
1. Uma história de Macau.....	1
1.1. Enquadramento histórico.....	1
1.1.1. Uma terra, duas culturas	2
1.1.2. Séculos de história	4
1.1.3. Macau moderno.....	9
1.1.4. Macau no século XXI.....	12
1.2. Conclusão	15
Capítulo II Guias turísticos.....	17
2. Os guias turísticos	17
2.1. A conceptualização dos guias turísticos	17
2.2. O surgimento dos guias turísticos	18
2.3. A ligação entre a cidade e a literatura	20
2.4. A emergência dos guias turísticos em Macau	22
2.4.1. A Zona do Porto Exterior e a sua publicação	22

2.5.	Os guias turísticos como fontes documentais	24
2.6.	Um exemplo de analisar os guias de Macau como fontes documentais	25
2.7.	Conclusão	27
Capítulo III Macau através dos guias		29
3.	Macau através dos guias	29
3.1.	Os guias de Macau	33
3.2.	Os guias do século XX	34
3.2.1.	Os guias da década de 20.....	34
3.2.2.	Os guias das décadas 60 e 70	38
3.2.3.	Os guias da década de 90.....	43
3.3.	Os guias do século XXI	47
3.3.1.	Os guias recentes.....	47
3.4.	Conclusão	50
Capítulo IV Transformação e permanência nos guias de Macau		53
4.	As transformações e as permanências nos guias de Macau.....	53
4.1.	A descrição da história.....	53
4.1.1.	A narrativa histórica nos guias.....	54
4.1.2.	Análise.....	55
4.2.	A descrição da atitude sobre a relação intercultural	57
4.2.1.	A narrativa da relação intercultural	58
4.2.2.	Análise	60

4.3.	A imagem personalizada de Macau.....	62
4.3.1.	A personalização de cada guia.....	62
4.4.	Conclusão.....	65
	Considerações finais	67
	Referências Bibliográficas	71

Lista de Tabelas

Tabela 1: Igrejas construídas em Macau na segunda metade do século XVI .	5
Tabela 2: Fortalezas de Macau no século XVII.....	7
Tabela 3: Os valores de estudo dos guias turísticos.....	21
Tabela 4: Os guias turísticos de Macau	30
Tabela 5: A divisão dos temas	32
Tabela 6: Formas externas dos guias turísticos de Macau	33

Lista de Figuras

Figura 1- “Primeiro brasão de armas de Macau portuguesa”	3
Figura 2- “Brasão de armas da Região Administrativa Especial de Macau”	3
Figura 3- Mapa de Macau, 1598	6
Figura 4- Cidade de Macau, 1635.....	7
Figura 5- Instalações da Alfândega de Macau na dinastia Qing, 1685.....	8
Figura 6- Avenida de Almeida Ribeiro no início do século XX	10
Figura 7&8- Casa de Penhor Tak Seng On & Kaiping Diaolou	11
Figura 9- Mapa do Centro Histórico de Macau	14
Figura 10- Mapa de <i>A Visitor’s Handbook to Romantic Macao</i> , 1928	23
Figura 11- “View of Praya Grande, Macao”, 1810.....	27
Figura 12- Os guias turísticos de 1926 e de 1928	35
Figura 13- O guia turístico de 1964.....	39
Figura 14- O guia turístico de 1970.....	41
Figura 15- O guia turístico de 1996.....	44
Figura 16- O guia turístico de 2017.....	48
Figura 17- “ <i>A Street in China-town</i> ”.....	60

Lista de Gráficos

Gáfico 1: A comparação por temas do espaço textual entre dois guias da década 20 do século XX	36
Gáfico 2: A comparação por temas do espaço textual de Macau: Portugal no Oriente de 1964	40
Gáfico 3: A comparação por temas do espaço textual do Guide to Macau 1970	42
Gáfico 4: A comparação por temas do espaço textual de Macau Informação, de 1996	45
Gáfico 5: A comparação por temas do espaço textual de Macau Guia de 2017	49

Introdução

Macau, cidade híbrida, apresenta um grande contraste entre o seu tamanho geográfico e o seu valor multicultural. O encantamento de Macau reside na magnificência da Ruína de São Paulo, na mistura de cheiros das especialidades vindas do mundo todo, na tranquilidade da Fortaleza de Guia e no deslumbramento da vida noturna. Na segunda metade do século XVI, os primeiros portugueses chegaram à península de Macau. Desde então, Macau inaugurou a sua história como uma porta de acesso através da qual os conhecimentos do Ocidente entraram na China.

No âmbito do turismo, como Macau é uma cidade internacional, há sempre muitos turistas a visitá-la. O Património Mundial e os jogos são as principais atrações dos visitantes. Portanto, o fenómeno da prosperidade do turismo tem vindo a ser um rastilho para numerosos estudos sobre o turismo de Macau. Dentro destes estudos, existe uma grande diversidade de temas, desde o turismo lúdico até ao que se relaciona com o património.

No entanto, o interesse desta dissertação consiste em saber como é que a cidade se reconhece a si própria. Em vez de analisar a cidade do ponto de vista dos turistas, gostaria de descobrir a cidade através dos guias turísticos. Os guias turísticos, editados por entidades oficiais como um cartão-de-visita da cidade, são uma das maneiras de conhecer esse auto-retrato. Na verdade, eles formam a primeira imagem para os visitantes e refletem o modo como a cidade se reconhece.

Existiam alguns estudos neste âmbito sobre a cidade de Lisboa, por exemplo *Lisboa Turística Entre o Imaginário e a Cidade*, de Eduardo Brito Henriques (1996), e *A Lisboa dos e nos Guias Turísticos: Lisboa a compor-se ao espelho*, de Maria Estela de Moura Dantas Gonçalves (2008). Também se deve referir a dissertação

Imagens do Porto: Os guias turísticos de 1864 a 2011, de Duarte Nuno Magalhães de Castro (2012).

Infelizmente, não conhecemos nenhum trabalho que estude as representações de Macau transmitidas pelos guias turísticos. No entanto, os estudos sobre Lisboa e o Porto serviram de orientação para proceder ao estudo do caso de Macau.

Antes de iniciar o estudo, é necessário entender os objetivos do trabalho. Há várias maneiras de conhecer uma cidade, mas aqui utilizam-se os guias turísticos como objectos de estudo. A partir dos pontos de vista dos guias, tentamos reconstruir as imagens de Macau. Em resumo, um dos nossos objetivos é responder à seguinte questão: “Como é que os guias turísticos olham a cidade?”

Para concretizar o objetivo essencial deste trabalho, precisamos de determinar com mais pormenor o objeto de estudo, isto é, como é que os guias podem ser utilizados como fontes documentais.

Para estudar o caso de Macau, precisamos de ter uma metodologia a orientar a análise. Inspirados nos estudos sobre Lisboa e o Porto, decidimos utilizar o método da análise quantitativa, sobretudo na modalidade aplicada por Henriques (1996).

O estudo está estruturado em quatro capítulos. Os dois primeiros capítulos expõem o contexto histórico e as bases teóricas, e os dois últimos apresentam os resultados empíricos.

O primeiro capítulo oferece o contexto histórico da cidade de Macau, sobretudo a partir de meados do século XVI. Neste capítulo, olhamos o processo vivido nas construções e reconstruções arquitetónicas. Percebemos como é que Macau nasceu e cresceu, evoluindo de aldeia desconhecida até se tornar uma cidade próspera.

O segundo capítulo procura enquadrar os guias turísticos, expondo sobretudo a sua conceptualização e a revisão da história a que eles procedem. Por fim,

conforme a base teórica do estudo de Henrique (1996) e o estudo de Forêt (2006), explicamos por que razão os guias turísticos podem ser considerados como fontes documentais.

No terceiro capítulo começamos a analisar os guias turísticos. Apresentamos os guias que vão ser sujeitos à análise empírica das suas principais áreas temáticas. A seguir analisamos a distribuição do espaço textual reservado a cada tema a partir de estatísticas e gráficos. Isto permite verificar os enfoques transmitidos pelos guias de cada período.

O quarto capítulo desenvolve os resultados obtidos no terceiro capítulo. Considerando a particularidade da cidade de Macau, este capítulo dá atenção a dois assuntos: a narrativa histórica e a relação intercultural. Por fim, sintetizando os resultados obtidos, reconstroem-se as imagens da cidade transmitidas pelos guias de cada período.

A dissertação termina com considerações acerca dos resultados obtidos na dissertação e algumas palavras sobre eventuais linhas de investigação no futuro.

Capítulo I – uma história

1. Uma história de Macau

Macau, situado no rio oeste da foz do Rio das Pérolas, foi colonizado pelos Portugueses há cerca de 400 anos, sendo o primeiro e último enclave europeu na China. A sua história deu-lhe uma singularidade cultural que a distingue das outras cidades.

Macau não é apenas a *Las Vegas* asiática, conhecida pelo mercado dos jogos, mesmo que o mercado de casino seja o maior pilar económico de Macau. Para os turistas, há mais do que uma razão além dos jogos para visitar Macau, como as igrejas ocidentais, as vendas chinesas de comida de rua e os vários museus temáticos. Todos os prédios antigos e o património mundial contam uma história distintiva aos turistas.

Este primeiro capítulo vai assim fazer um breve relato histórico, mostrando o processo de desenvolvimento de Macau de pequena aldeia na beira-mar e colónia ultramarina portuguesa até uma cidade recreativa internacional.

1.1. Enquadramento histórico

Ao falar de Macau, a primeira impressão dos portugueses relaciona-se com o facto de ter sido uma colónia ultramarina que pertenceu a Portugal durante quase 400 anos. Para o povo chinês, a primeira impressão é a de que constitui uma das duas regiões administrativas especiais da China.

Macau é uma terra que liga duas culturas diferentes e brilha com uma beleza extraordinária. Para chegar ao objetivo final do estudo, exige-se o conhecimento geral do contexto histórico de Macau. Através deste processo, obtém-se o melhor entendimento da cidade e do povo de Macau.

1.1.1. Uma terra, duas culturas

A ocupação humana de Macau pode remontar a 2000 anos antes de Cristo. Antes do século XVI, a cidade de Macau era conhecida por “Haojing” (濠鏡), que quer dizer “Ostra e espelho”, porque a sua condição geográfica permitia a criação de ostras na zona portuária e o interior das ostras é brilhante como um espelho. Esse foi o nome de Macau até à chegada dos Portugueses no século XVI. Quando os primeiros portugueses chegaram a Macau, perguntaram aos habitantes como se chamava este lugar, mas apontaram para o templo de Ma Ge (妈阁), erguido em homenagem à deusa A-Má (妈祖). Os habitantes responderam-lhes em cantonês que é “A-Má Gao”. De acordo com esta pronúncia cantonesa, o nome em português tornou-se Macau.¹

Hoje em dia, além dos jogos, Macau é conhecido no mundo todo pelas suas particularidades culturais, as quais promovem o desenvolvimento económico. Graças à arquitetura e história incomparáveis, o turismo mantém o lugar de segundo maior sector económico.

O brasão ou a bandeira de uma região é a imagem mais resumida que reflete o valor intrínseco da cidade. O primeiro brasão de Macau surgiu na segunda metade de século XVIII. Como durante a ocupação filipina da Espanha Macau foi a única parte do território português que não adoptou a bandeira espanhola, para recompensar esta lealdade o rei D. João IV, em 1654, deu-lhe o título de “Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal”. Durante a administração de Portugal, a lealdade de Macau tornou-se um valor muito apreciado.

¹ Aresta, António Manuel de Aragão Borges, Macau : uma história cultural. Mem Martins: Editorial Inquérito, cop. 2009



Figura 1- “Primeiro brasão de armas de Macau portuguesa”

O brasão de armas da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) é um símbolo de Macau que impressiona no primeiro olhar. Antes da transferência de poderes de Macau em 1999, o governo da China já começara a delinear uma nova bandeira e um novo brasão para Macau. Depois do debate, o brasão da RAEM adoptou o verde como a cor principal, que comemora a transferência pacífica. No centro, tem uma flor de lótus branca que representa a cidade de Macau. Como Macau era constituído principalmente por três partes no início da década de 90 (Península de Macau, Taipa e Coloane), cada folha de lótus representa uma parte de Macau.



Figura 2- “Brasão de armas da Região Administrativa Especial de Macau”

Antes do encontro das duas culturas no século XVI, Macau era apenas uma

aldeia piscatória afastada do centro do poder político. Desde a chegada dos portugueses no início do século XVI, a sua natureza mudou muito. Enquanto primeira área da China ocupada pelos europeus e a última colónia a tornar-se independente, Macau desempenhou o papel de plataforma de comunicação entre culturas diferentes.

1.1.2.Séculos de história

Antes de ser um porto comercial aberto no século XVI, a região de Macau confinou-se à península escassamente povoada pertencente nessa altura ao distrito de Xiangshan (香山). A maioria da população de Macau residia nas zonas de Mong-Há e à volta de Templo de A-Má, a primeira localizada no norte da península, e a segunda no sudoeste. Os achados arqueológicos mostram que a cidade era constituída apenas por edifícios civis simples e templos chineses.

O crescimento urbano começou verdadeiramente com a instalação dos portugueses na segunda metade do século XVI. Com o pretexto de secar produtos, os primeiros portugueses fixaram a residência em Macau. No entanto, os seus motivos incluíam também a missionação católica e o desenvolvimento dos negócios com os chineses e japoneses. Consequentemente, Macau tornou-se uma das mais importantes cidades comerciais do Extremo Oriente. Ao mesmo tempo, o plano e a construção da cidade começaram a mostrar a complexidade e variedade. (Aresta & Oliveira, 2009)

“Mesmo que Macau seja uma cidade pequena, desde o século XVI que aqui se refletiram verdadeiramente todas as mudanças internacionais, regionais e locais e se formou uma paisagem distinta.” (LIN, 1999)

Quando os primeiros portugueses decidiram residir em Macau, construíram casas de maneira mais complexa e com materiais duráveis, como por exemplo os tijolos e a pedra. À semelhança do que faziam na Europa e na costa africana, os portugueses construíram uma muralha para se separarem dos chineses. Essa muralha foi desfeita sob o mandado da Dinastia Ming. Dentro da sua zona residencial, os portugueses viveram e organizaram-se à sua maneira. Nos anos iniciais, os missionários desempenharam um papel fundamental. Logo depois de

1553, aparecem edifícios religiosos ao estilo ocidental, que faziam grande contraste com as construções originais. (Wu & Liu, 2004)

Curiosamente, os Portugueses estabeleceram-se em Macau de acordo com princípios que não usaram noutras cidades. Em vez de levantarem uma fortaleza, que tentaram uma única vez em 1568, os portugueses construíram edifícios religiosos – as primeiras igrejas.

Em 1514, o Papa concedeu a Portugal a prerrogativa de difundir o catolicismo na Ásia. Desde então, Portugal procurou desempenhar bem essa função enviando missionários. Em 1576, Macau tornou-se uma Diocese independente. Os portugueses esforçaram-se muito em construir Macau como uma cidade católica. Na segunda metade do século XVI havia mais de 6 igrejas católicas fundadas em Macau. Estas igrejas estruturaram a zona residencial dos portugueses. (Wu & Liu, 2004) Além das igrejas, ainda construíram a primeira Santa Casa da Misericórdia, o primeiro hospital ocidental e a primeira escola ocidental que se desenvolveram no Colégio de São Paulo.

Tabela 1: Igrejas construídas em Macau na segunda metade do século XVI

1560	Igreja de São Lourenço
1562	Igreja de Madre de Deus (Colégio de São Paulo)
1565	Igreja de Santo António
1557-1560	Igreja de São Lázaro
1587	Igreja de São Domingos
1591	Igreja de Santo Agostinho

(Fonte: Elaboração própria)

Entretanto, os chineses continuaram o modo chinês de viver fora do centro da cidade. Observe-se a organização da cidade num desenho de 1598 patente na figura 3. A ampliação da imagem permite-nos vislumbrar a vida quotidiana naquele tempo. Havia pessoas nas ruas e nos barcos. Os barcos podem ser divididos em dois tipos: alguns são de pesca e outros são as naus que os portugueses utilizaram para chegar à China. Há edifícios de boa qualidade, em tijolo, especialmente igrejas. Consequentemente, a estrutura urbana mistura as funções comercial e residencial. Na primeira etapa da ocupação portuguesa de Macau, a arquitetura ocidental tomou um lugar decisivo que determinou a sua estética.

Portanto, assume-se o século XVI como a época das igrejas em Macau. (Guan, 2009)



Figura 3- Mapa de Macau, 1598

(Fonte: **Rise & Fall of the Canton Trade System Gallery:**

https://ocw.mit.edu/ans7870/21f/21f.027/rise_fall_canton_04/gallery_places/pages/cwM_1598_AH8121_Amacao_sc.htm)

Se considerarmos o século XVI como a época das igrejas de Macau, o século XVII é a das fortalezas. No século XVII, aconteceram muitas mudanças sociais, económicas e políticas nos impérios de Portugal e da China. Em 1640, Portugal estabeleceu a quarta dinastia (a de Bragança) e recuperou a sua independência. Na mesma década, o ano de 1644 marcou o fim da dinastia Ming, a que se sucedeu a última dinastia Qing. (Guan, 2009)

Voltamos a ver a estrutura da cidade de Macau no século XVII. Neste período, havia várias fortalezas e muralhas. Por um lado, a prosperidade de Macau atraía os outros impérios europeus, por exemplo os holandeses. (Wu & Liu, 2004); por outro lado, tanto na dinastia Ming como na Qing, a China sempre condicionou os portugueses a dispersar o seu poder e a influência fora de Macau. A comunidade portuguesa que viveu em Macau neste tempo depende bastante do comércio com a província Cantão que permitiu a sua residência clandestinamente. Na questão de deixar os portugueses ficar ou não, foi sempre a divergência entre o governo central e o provincial. Por causa da falta de legitimidade da ocupação, as construções de fortalezas tardaram mais do que a das igrejas. Além disso, o governo provincial de Cantão ficava sensível quando as fortalezas se construíram

no norte de Macau onde se aproxima do interior da China. Em 1626, o governador provincial insistiu com a comunidade portuguesa para que demolisse à norte muralha e Fortaleza de São Paulo do Monte. (Guan, 2009)

Tabela 2: Fortalezas de Macau no século XVII

1617-1626	Fortaleza de São Paulo do Monte
1622	Fortaleza de Nossa Senhora da Guia
1622	Fortaleza de Colina da Penha
1622	Fortaleza de São Tiago da Barra
1624	Forte de Patane (em 1640 foi destruído)
1626	Fortaleza de São Pedro
1629	Fortaleza de Gallias

(Fonte: Adaptado do estudo de Guan, 2009)

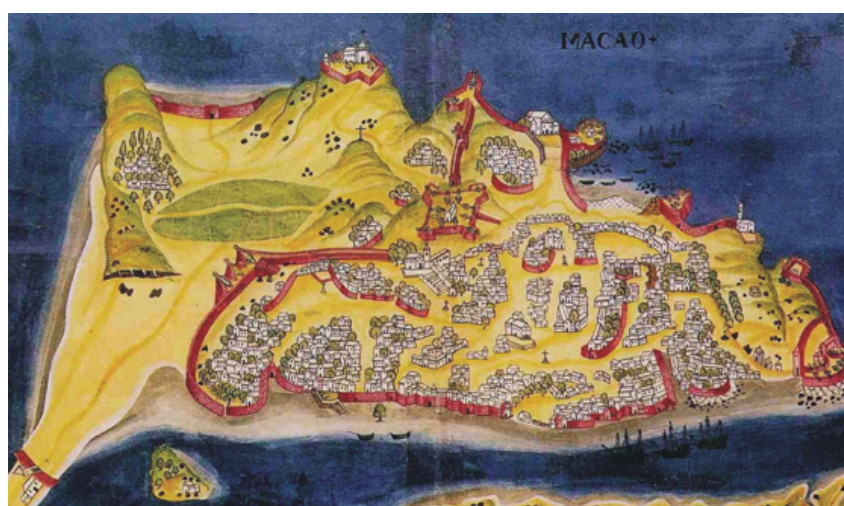


Figura 4- Cidade de Macau, 1635

Fonte: Planta de Macau in BOCARRO, António. Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental. 1635.

<http://www.fundacaojorgealvares-bibliotecadigital.com/civil-e-cultura-china-e-macau/os-portugueses-em-macau/>

De acordo com a tabela em cima, os portugueses construíram 7 fortalezas no século XVII. Assim, formou um círculo protector em torno da zona de residências, como se vê no mapa de Macau em 1635. Nota-se que no século XVII a cidade de Macau já adquirira características ocidentais. Comparando com o século anterior, a cidade estava mais bem organizada. Na construção, os portugueses usaram

uma técnica antiga chamada “chunambo”², que se refere ao uso de uma mistura de terra, areia, concha de ostra, etc. (Wu & Liu, 2004) Este tipo de construção também se pode ver nas ex-colónias portuguesas em África e na Índia. Os autores de *The development of Macao Urban Architecture* repararam que o brasão do império de Portugal foi colocado num lugar vistoso de cada fortaleza para mostrar o poder do controlo. No entanto, o governo local da dinastia Qing instalou os serviços alfandegários na zona de Mong-Há, onde residiam os chineses, em 1685.³ Junxiong Guan, apoiado nas teorias de Henri Lefebvre e de David Harvey, relaciona a mudança da arquitetura da cidade com a transição de poder social. As transformações sociais deixaram as marcas profundas nas construções públicas em Macau. As construções ocidentais concentraram-se dentro das muralhas. Fora das muralhas, havia as construções chinesas tradicionais. Os edifícios não só refletem a corrente de certo período, mas também revelam a relação e as mudanças dos poderes da cidade. (Guan, 2009)

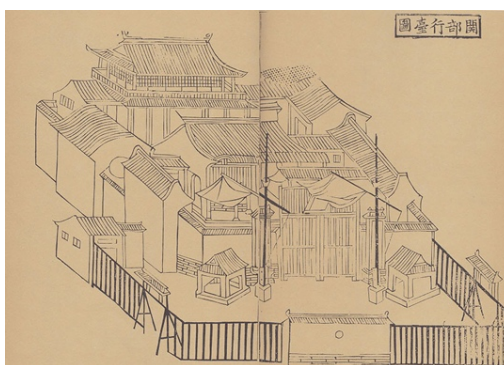


Figura 5- Instalações da Alfândega de Macau na dinastia Qing, 1685

Fonte: instalações da Alfândega de Macau na dinastia Qing, desde 1685.

([http://www.macauzine.net/?action-viewnews-itemid-609%26-escaped-fragment-=prettyPhoto%5Bgallery2%5D-4-page-1#!prettyPhoto\[gallery2\]/0/](http://www.macauzine.net/?action-viewnews-itemid-609%26-escaped-fragment-=prettyPhoto%5Bgallery2%5D-4-page-1#!prettyPhoto[gallery2]/0/))

Ao contrário do que aconteceu nos dois séculos anteriores, no século XVIII a construção da cidade desenvolveu-se bastante devagar. Por causa da competição entre a Inglaterra e a Holanda no Extremo Oriente, Portugal perdeu a sua supremacia marítima. Por consequência, suspenderam-se muitos negócios

² <http://www.macauheritage.net/tour/CHPointE.asp?N=17&R=C>

³ [http://www.macauzine.net/?action-viewnews-itemid-609%26-escaped-fragment-=prettyPhoto%5Bgallery2%5D-4-page-1#!prettyPhoto\[gallery2\]/0/](http://www.macauzine.net/?action-viewnews-itemid-609%26-escaped-fragment-=prettyPhoto%5Bgallery2%5D-4-page-1#!prettyPhoto[gallery2]/0/)

ultramarinos. A economia de Macau sofreu um grande declínio neste período. Além disto, o governo da dinastia Qing lançou em 1749 uma lei de que proibia construir edifícios sem autorização. Por outro lado, a Inglaterra começou a revolução industrial na década 60 do século XVIII e neste campo Portugal atrasou-se muito. (Wu & Liu, 2004)

Na primeira metade do século XIX, o Colégio de São Paulo sofreu o terceiro incêndio e apenas se preservou a fachada, desenhada pelo jesuíta italiano Carlos Spínola. Conhecido como a Ruína de São Paulo, funciona até hoje como um símbolo de Macau. Antes da Guerra do Ópio, os ingleses tentaram invadir Macau, mas enfrentaram resistência dos portugueses. A Guerra do Ópio ocorreu entre a Grã-Bretanha e a China nos anos de 1839-1842 e 1856-1860 e teve como desenlace a assinatura do Tratado de Nanquim, que foi o primeiro tratado desigual entre a China e o mundo ocidental.

“Artigo 3.º – A possessão de Hong Kong por tempo indeterminado pela rainha Vitória e seus sucessores.” – Tratado de Nanquim.⁴

Desde então, Hong Kong e mais 4 cidades tornaram-se portos comerciais abertos. Macau, que era um local de grande relevância comercial, foi ultrapassado por Hong Kong. (Wu & Liu, 2004) Assim, o governo de Macau necessitou de procurar novos estímulos para a sua economia. Com a vaga da colonização, Macau tornou-se um entreposto de transporte de mão-de-obra e ópio e alcançou assim um novo período de prosperidade. Ao mesmo tempo, o caso de Hong Kong inspirou o governo português. Em 1887, o Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português foi assinado em Pequim. O tratado confirmou a legitimidade da governação e da residência portuguesa em Macau e abriu assim uma nova etapa na história de Macau.

1.1.3. Macau moderno

Em meados do século XIX, por influência da revolução industrial, surgiram construções modernas com técnicas avançadas. Em 1865, o Farol da Guia,

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Nanquim

considerado como o primeiro farol moderno da China, foi fundado na Colina da Guia. Para satisfazer a necessidade de desenvolver a economia, o governo português de Macau ocupou a ilha de Taipa e Coloane. A nível da economia, Macau já se encontrava secundarizada pela colónia britânica de Hong Kong. Assim, o governo prestou mais atenção ao sector do jogo e lazer, que já existia clandestinamente há muitos anos. Em 1961, a autoridade portuguesa legislou a existência do sector do Jogo.

No âmbito da arquitetura, no início do século XX, aparecem novos edifícios comerciais e públicos de vários estilos que combinam a essência da estrutura chinesa com a decoração ocidental. O caso mais representativo é Qilou (Varanda) de Macau, especialmente o conjunto de Qilou na Avenida de Almeida Ribeiro. Esta avenida, considerada a rua principal de Macau, liga a câmara municipal à ponte 16 do porto interior. A maior prosperidade da Avenida de Almeida Ribeiro foi atingida na década de 20 do século XX. É aqui que se concentra o Qilou. Qilou, conjunto de casa e loja, é considerado um tipo típico da arquitetura do Sudeste asiático. O Qilou distingue-se por apresentar no primeiro piso uma varanda alta sob a qual o povo e cavalos podem passar. Esta característica provém do clima húmido e do calor intolerável que esta região apresenta no verão.



Figura 6- Avenida de Almeida Ribeiro no início do século XX

Fonte: Avenida de Almeida Ribeiro no início do século XX (Album Macau P. 67)

<http://aamacau.com/2016/11/15/內港騎樓的築跡/>

Além de Qilou, no primeiro quarto do século XX difundiram-se os lugares de lazer e lojas de penhores. Por razões de segurança, estes estabelecimentos copiaram o Diaolou de Kaiping que funcionava como um prédio de fortaleza. Os

muros são muito grossos e as janelas pequenas, o que lhe dá uma excelente condição. Além disso, o Diaolou ainda pode proteger os bens das inundações.



Figura 7&8

Figura 7: Casa de Penhor Tak Seng On. Macau, Junho de 2006

Fonte:

<http://caderno-do-oriente.blogspot.pt/2006/08/so-simplesmente-casas-de-penhor.html>

Figura 8: Kaiping Diaolou, autor Vincent Ko Hon Chiu

Fonte: <http://whc.unesco.org/en/list/1112/gallery/>

Neste período, não só se construíram novos edifícios como também se recuperaram os existentes e se modernizaram as infraestruturas, por exemplo os portos interior e exterior. No início do século XX, Macau entrou numa etapa de modernização e tornou-se numa das cidades modernas do Extremo Oriente.

Como se referiu, o século XX é um período instável tanto em Macau como em termos internacionais. No contexto político, Portugal atravessou várias transformações de regime. Na China, também ocorreram muitas revoluções violentas. Neste contexto, Macau até apresentou um ambiente bastante pacífico que lhe permitiu desempenhar o papel de “o paraíso mundano” e de “o refúgio dos revolucionários chineses”. Durante este período, Macau manteve-se neutral e recebeu numerosos refugiados. Um dos mais famosos foi o principal pioneiro da China republicana: Sun Yat-sen.

A Macau, também chegou a técnica de construção em concreto ou betão armado e, com ela, novos estilos arquitetónicos: clássico, *art deco* e modernista. Na década de 60, a legalização dos jogos de azar estimulou a economia de Macau e promoveu uma vaga de construção de casinos e hotéis. Neste contexto, surgiram prédios cada vez mais altos. (Wu & Liu, 2004)

O desenvolvimento económico também se refletiu na construção e reconstrução de igrejas, algumas das quais assumiram a feição moderna. O efeito das aparições de Fátima chegou a Macau e Hong Kong na década 30.

Em 1974, através da Revolução dos Cravos, Portugal entrou na democracia. Assim, de acordo com o princípio da descolonização, a soberania de Macau devia ser devolvida à China. Devido à revolução cultural da China, o processo da entrega da soberania foi adiado. Em 1987, a Declaração Conjunta Sino-portuguesa sobre a Questão de Macau foi assinada pelos dois lados. Desde então, a sociedade de Macau entrou na fase da transição. Nos últimos anos sob a administração portuguesa, entre 1993 até 1999, o governo de Macau construiu dez monumentos dedicados à amizade sino-portuguesa. Estes monumentos não só representam o fruto de uma história com mais de 400 anos, como também assinalam o fim de uma longa época.

1.1.4. Macau no século XXI

Porto de Macau

Tu sabes, porto de Macau não é o meu verdadeiro nome.

Há quanto tempo saí eu do teu corpo, Mãe?

Se eles me arrancaram de ti,

A minha alma permaneceu sempre contigo.

Mais de trezentos anos de sonhos que não esquecem!

Por favor, chama-me outra vez pelo meu nome de criança,

Eu sou Aomen

Eu quero voltar, Mãe, eu quero voltar!⁵

-- Wen Yiduo

1925

Onze dias antes de entrar em 2000, acompanhado com a canção Sete filhos da Terra Chinesa (七子之歌), Macau voltou para o povo chinês como um filho perdido retorna ao abraço da mãe. Contudo, sendo o último enclave do império português, a cerimónia não só causou melancolia nos descendentes portugueses em Macau, também significou o fim da época colonial. Macau, como a segunda

⁵ Tradução de António Graça de Abreu (Abreu & José, 2014)

Região Administrativa Especial (RAEM) a seguir a Hong Kong, pratica a teoria de “Um país, dois sistemas”.

Desde o período da transição, o governo dedicou-se muito à construção de infraestruturas, por exemplo, a construção do Aeroporto Internacional de Macau e da Ponte da Amizade. Por um lado, a série de construções melhorava a qualidade de vida. Por outro lado, ofereceu condições para receber a grande vaga turística. Apesar disto, como a dimensão terrestre original de Macau não chega para a população em crescimento, desde o fim do século XIX que se procedia a contínuos aterramentos. Hoje, a dimensão de Macau é três vezes superior à original. No presente século, o governo da China continua a permitir o sector de Jogos em Macau. Graças à autorização para viajar do interior da China para as duas regiões especiais, declarada em 2003, o número de visitantes aumentou rapidamente e tornou-se o segundo maior sector económico de Macau. Para proteger as construções históricas de Macau e assim preservar a memória preciosa do passado, em 2005, duas zonas históricas foram reconhecidas pelo UNESCO como Património Mundial. Esta medida não promove apenas o investimento na proteção das zonas históricas, mas concede muito mais atenção ao valor histórico de Macau e amplia o interesse turístico por este território.

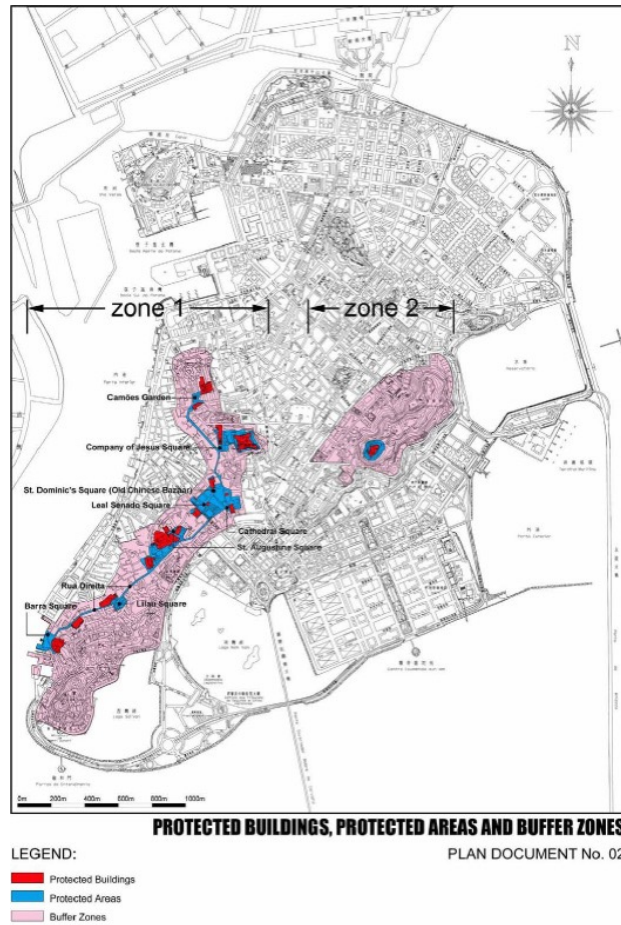


Figura 9- Mapa do Centro Histórico de Macau

Fonte: http://whc.unesco.org/en/list/1110/multiple=1&unique_number=1289, consultado em 29 de Abril.

De acordo com a definição de UNESCO, a zona do Centro Histórico de Macau inclui ruas e praças, tais como o Largo da Barra, o Largo do Lilau, o Largo de Santo Agostinho, o Largo do Senado, o Largo da Sé, o Largo de S. Domingos, o Largo da Companhia de Jesus e o Largo de Camões. Estas praças principais e ambientes urbanos estabelecem a ligação entre uma sucessão de mais de vinte monumentos, que incluem o Templo de A-Má, o Quartel dos Mouros, a Casa do Mandarim, a Igreja de S. Lourenço, a Igreja e Seminário de S. José, o Teatro D. Pedro V, a Biblioteca Sir Robert Ho Tung, a Igreja de Santo Agostinho, o Edifício do Leal Senado, o Templo de Sam Kai Vui Kun, a Santa Casa da Misericórdia, a Igreja da Sé, a Casa de Lou Kau, a Igreja de S. Domingos, as Ruínas de S. Paulo, o Templo de Na Tcha, a Secção das Antigas Muralhas de Defesa, a Fortaleza do Monte, a Igreja de Santo António, a Casa Garden, o Cemitério Protestante e a

Fortaleza da Guia (incluindo a Capela e Farol da Guia).⁶ Como a mapa do centro histórico de Macau se reflete, duas zonas do centro histórico contêm três níveis de proteção, os quais são edifícios protegidos, áreas protegidas e zonas de amortecedor.

Com o crescimento da população, é inevitável encontrar o problema da limitação da terra urbana. Entretanto, o governo e o povo prestam cada vez mais atenção à proteção do património.

Desde 2012, o governo desenvolve uma campanha contra a corrupção. Ao mesmo tempo, restringe as condições da entrada de visitantes e de movimentação de dinheiro. Isto causou um grande impacto no sector dos jogos e o declínio da economia em geral porque Macau depende fortemente da indústria do jogo. Para impulsionar a cooperação regional, começou em 2009 a construção da Ponte Hong Kong – Zhuhai – Macau. No interior, também está em curso a obra do Sistema do Metro Ligeiro de Macau. Quando as construções estiverem feitas, vão dar uma grande facilidade de movimento aos residentes e aos visitantes. Assim, Macau, composta pela península e pelas ilhas, conseguirá ter um novo acesso terrestre, fazendo ligação com as cidades vizinhas. Entretanto, em 2017 os lucros do jogo voltaram a crescer.

1.2. Conclusão

Nste capítulo, pudemos conhecer a ordem cronológica de eventos históricos da cidade de Macau, relacionados com a China e Portugal. Dado que foi fortemente influenciado por duas culturas diferentes, Macau tem marcas distintas no espaço limitado, que se refletem nos monumentos, nas ruas, nas muralhas até nos costumes locais.

Como este estudo se baseia na própria cidade, este capítulo oferece-nos o conhecimento geral sobre o desenvolvimento urbano e os pontos de viragem acontecidos na história. Depois da leitura, podemos dizer que a terra de Macau cultiva a flor miscigenada graças ao encontro ocidental e oriental. Desde a

⁶ Macau Heritage: <http://www.macauheritage.net/wh/mhfileP.asp>

chegada dos portugueses, a coexistência intercultural abrangeu cerca de 400 anos e vai continuando.

Através do primeiro capítulo, constatamos que qualquer evolução deixa a sua marca na história. Tudo isto formou Macau que conhecemos hoje em dia, uma cidade lúdica e cosmopolita com a sua particularidade multicultural.

Capítulo II Guias turísticos

2. Os guias turísticos

Depois de falar sobre a história de Macau, passamos a conhecer o objeto principal deste estudo: os guias turísticos.

No cotidiano, ninguém presta muita atenção ao guia turístico. No entanto, quando é preciso fazer um plano de viagem para um sítio desconhecido, logo se recorre a um guia turístico. O guia de turismo também designa uma profissão, mas o nosso objeto de estudo é o guia impresso.

Hoje em dia, graças ao desenvolvimento da tecnologia, em vez de buscar um guia turístico impresso, podemos procurar todas as informações sobre o nosso destino na internet. No entanto, de certo modo, a continuação da existência dos guias turísticos impressos revela algumas vantagens sobre o *on-line*. Por exemplo, quando chegamos a um novo país e não temos acesso à internet nem percebemos a língua local... Então, é fácil de encontrar o guia turístico impresso no aeroporto ou na estação. Muitas vezes, a recepção do hotel e os pontos turísticos dispõem de guias impressos gratuitos. Os guias turísticos impressos são coisas vulgares, mas têm um valor maior do que aquele que resulta de facilitarem a vida dos turistas.

Neste capítulo, prestamos atenção a guias turísticos impressos para procurarmos o valor e a importância deles como fontes de estudo.

2.1. A conceptualização dos guias turísticos

A maioria dos guias de turismo, sejam grandes ou pequenos, tem títulos semelhantes. Intitulam-se *guias de viagem* ou *guias turísticos* seguidos de um nome de lugar. Há ainda *roteiros* e *itinerários*. De acordo com Castro, em termos

de conceptualização, tanto os roteiros como os guias, oferecem orientações, aconselhamentos e informações sobre um sítio que é desconhecido para os turistas. Nesse sentido, os roteiros e os guias são sinónimos. (Castro, 2012)

Os itinerários concentram-se mais na orientação e na organização do percurso turístico. Em vez de usar longos parágrafos introdutórios, os itinerários preferem cingir-se à recomendação de percursos. Os guias também contêm percursos, mas os livros de itinerários concentram-se mais nos caminhos a percorrer. (Castro, 2012)

O guia turístico impresso é um livro que contém as informações de um sítio, incluindo os pontos turísticos principais e breves histórias que ajudam a configurá-lo. Com o desenvolvimento da técnica de impressão, hoje a maioria dos guias turísticos tornaram-se coloridos, inserindo abundantes imagens locais. Conforme a definição proposta por Bahl, desenvolvida por (Cisne, 2010) “Os guias turísticos são nada mais do que uma exposição detalhada de uma viagem e/ou percurso, ou uma sinalização de um número de atrações, presentes numa região, cidade ou país e que podem merecer uma visita...” (Castro, 2012)

Depois de termos definidos os guias turísticos, podemos avançar e conhecer o seu surgimento e o seu valor cultural.

2.2. O surgimento dos guias turísticos

Antes da emergência dos guias turísticos, formou-se o conceito da viagem. O movimento de pessoas remonta ao aparecimento dos humanos, mas o desenvolvimento do sector turístico é limitado pelas condições produtivas de cada época. As notas de viagem surgiram relativamente cedo. Na cultura ocidental, a “Odisseia” de Homero narra o regresso de Ulisses a Ítaca (Castro, 2012). O texto de 《封禅仪记》(Feng Chan Yi Ji) feito em D.C. 25 na dinastia Han, é considerado o texto de viagem mais antigo na literatura chinesa, relatando a viagem do imperador para um ritual. Contudo, estes textos não são de modo algum guias

turísticos, pelo que os motivos e os objetivos são distintos dos guias modernos. As antigas narrativas de viagem eram um registo de natureza pessoal. O processo da evolução dos guias turísticos demorou muitos séculos.

“O acesso à viagem de ‘turismo’—para conhecimento, lazer, ou mesmo para fins terapêuticos – que era, no início do séc. XVIII, exclusivo da aristocracia, vai-se alargando numa primeira fase à burguesia enriquecida, ao longo do séc. XIX vai abrangendo estratos cada vez mais alargados da população devido ao desenvolvimento dos transportes e das vias de comunicação, mas só no séc. XX atinge uma dimensão que lhe permite tornar-se, para muitas regiões e mesmo países, uma das principais fontes de receita e um importante sustentáculo da economia. O séc. XX é o século do automóvel, mas também o século do avião. E é também o século em que se afirmam novas conquistas no mundo do trabalho, como o direito a férias pagas, o que em larga medida contribuiu para aumentar o número daqueles que podiam aproveitar os dias de lazer conhecendo outros lugares e outras culturas.” (Matos & Santos, 2004)

Matos e Santos relatam o alargamento da massa de turistas desde o século XVIII. Observe-se que o aumento do número de turistas é constante e traduz-se por uma maior necessidade subjetiva de viajar do que no passado. (Matos & Santos, 2004)

Segundo Crasto, no século XVII surgiram algumas obras especializadas para quem pretendia viajar (Castro, 2012). No século seguinte, as obras turísticas desenvolveram-se, tornaram-se mais parecidas com os guias turísticos de hoje, mas mantiveram-se determinados pela função educativa. De acordo com Matos e Santos, em Portugal, com o pressuposto do desenvolvimento dos caminhos-de-ferro, os primeiros guias turísticos que se servem ao público foram produzidos no início do século XX por causa da fundação da Sociedade de Propaganda de Portugal. Esta Sociedade foi criada para promover o desenvolvimento do turismo. Com o crescimento do número de sócios, editou uma

série de publicações gratuitas. (Matos & Santos, 2004)

2.3. A ligação entre a cidade e a literatura

Tal como se refere anteriormente, os guias turísticos são os livros portáteis ou os folhetos que apresentam uma cidade ou uma região aos turistas. É inevitável que use uma linguagem mais literária para explicar a cidade. É por intermédio da palavra que os turistas podem obter uma ideia inicial.

Em *Guias de Viagem como Género Editorial*, Magalhães⁷ identifica quatro parâmetros: público, categorização, estruturação e recomendação. Aliás, Matos e Santos escreveram que “os guias de viagens inserem-se numa literatura utilitária e pedagógica que visa dar àqueles a quem se dirigem uma série de indicações sobre as viagens a empreender e sobre os espaços a visitar. (Matos & Santos, 2004)” Na questão de definir os guias turísticos como género literário ou género não literário, não há uma resposta unitária. Por um lado, os guias turísticos contêm a base da realidade que se relata, isto é, a sua característica não literária. Por outro lado, a sua linguagem pode levar os leitores a um espaço verosímilhante que fica entre o mundo real e o ficcional (Santulli, 2010). Segundo Crasto, podemos assumir os guias como um género textual característico, um espelho que reflete as ideias preconcebidas de certa época. Portanto, sabemos que, para cumprir o objetivo de apresentar a cidade aos turistas, a linguagem dos guias turísticos está sempre a mudar.

Como género literário próprio, os guias turísticos poderão ser sujeitos a diferentes abordagens. Segundo Magalhães, o pesquisador francês Guilcher produziu “pistes de recherche” sobre os guias que nos podem dar uma ideia geral sobre os valores literários dos guias turísticos. A lista está resumida por causa da extensão original.

⁷ (Magalhães, 2006)

Tabela 3: Os valores de estudo dos guias turísticos

Obra literária

Autor: origens, carreira, viagens e estadias no país, outras obras, outras edições do mesmo guia – eventualmente por um outro autor, colaboradores (...); comparação entre duas edições de um mesmo guia, ou entre dois guias publicados à mesma data por autores/editores diferentes (..)

Obra documental

Forma e conteúdo da abordagem sobre território, fauna, flora, monumentos, arte, tecnologia, populações urbanas e rurais, história, atividade económica, política ou intelectual (...); documentação de inovações (...)

Estudo histórico (e político)

Repercussão de eventos políticos (...), conteúdo e orientação dos resumos históricos e políticos sobre o país (...); notas sobre a presença/atuação da polícia ou do exército, zonas interditas, atitude recomendada para com as autoridades ou em público (...)

Testemunho social

Observações sobre a população local e nativa, distinção entre as classes sociais, composição étnica da população, origens e evolução, características comportamentais, atitude diante de forasteiros (...), festividades, aspetos folclóricos, religião, código moral, tradições, costumes (...), conselhos para a visita e eventual apreciação/julgamento (...)

(Fonte: GUILCHER, G. *Les Guides de Voyage en Langue Anglaise. Pistes de recherche et bibliographie sommaire*. Paris: Université Paris 13, 2000. Consultado em MAGALHÃES Adriana Mattos, *Guias de Viagem como Género Editorial*, 2006, P188-189)

Como a tabela revela, os guias turísticos não servem apenas como ferramenta dos turistas, mas são uma fonte valiosa de conhecimento histórico e cultural.

2.4. A emergência dos guias turísticos em Macau

No caso de Macau, o surgimento dos guias turísticos não tem nada a ver com caminhos-de-ferro nem com a organização de sociedades como a SPP (Sociedade de Propaganda de Portugal). O guia turístico mais antigo de Macau foi publicado em 1926. Por causa da sua localização e das limitadas dimensões da cidade de Macau, o transporte terrestre desenvolveu-se muito mais tardiamente do que o transporte aquático. A utilização de navios pode remontar à chegada dos Portugueses. Nesse caso, conforme Mendes, antes do surgimento do automóvel, os meios de deslocação mais comum em Macau eram cadeirinhas e riquexós, utilizado até ao início do século XX. A importação dos automóveis permite-nos dizer que o uso de táxis remonta a 1911. (Mendes, 2004)

“Assim, a penetração rápida do automóvel no território, na década de 1920, não pode deixar de relacionar-se com o crescimento da população que, de 1920 a 1927, quase duplicou, passando de 83 984 para 157 175 habitantes. Atendendo aos números acima indicados, para o ano anterior (1926), havia, então, um veículo motorizado para cada 1288 habitantes.” (Mendes, 2004) Segundo este autor, na década de 20 havia uma diversificação dos meios de deslocação em Macau.

Aliás, o polo dinamizador da produção de guias turísticos em 1926 é o *Port Works Department* de Macau, responsável pela sua edição. A razão principal para o surgimento deste folheto relaciona-se com a importante construção do Porto Exterior de Macau na década de 20.

2.4.1. A Zona do Porto Exterior e a sua publicação

Tal como em Portugal havia a Sociedade de Propaganda de Portugal dedicada a perfeioar a imagem do país, em Macau o *Port Works Department* desempenhou o mesmo papel durante os anos 20.

Peter Habertzettl e Roderich Ptak no seu texto *Macao and its harbour: projects*

planned and projects realized (1883-1927) procuraram os motivos e as consequências de construir a zona do Porto Exterior em Macau, que nos ajuda a perceber o contexto da publicação. (Haberzettl & Ptak, 1991)

Conforme este autor, antes da queda do regime monárquico em 1911, os governadores de Macau não prestaram atenção à construção de portos. Logo que se fundou a Primeira República de Portugal, o novo governador de Macau, Álvaro de Melo Machado, assumiu o cargo. No mesmo ano, Lisboa, centro do poder político, permitiu o início de dragagens. No entanto, através de numerosas considerações técnicas, geográficas e políticas, Hugo Carvalho de Lacerda, capitão dos portos, decidiu construir o novo porto na zona nordeste litoral onde não havia discussão sobre a fronteira com a China. (Haberzettl & Ptak, 1991)

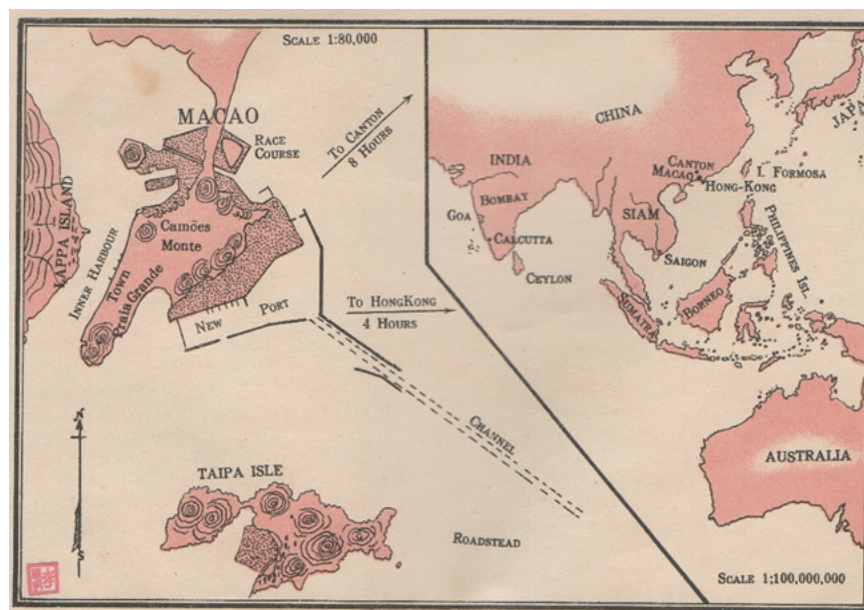


Figura 10- Mapa de *A Visitor's Handbook to Romantic Macao, 1928*

Fonte: <https://nenotavaicontra.wordpress.com/category/mapas-de-macau/>, consultado em 24 de Março, 2017

Em 1922, Lisboa aprovou a planificação do Porto Exterior e o aterramento. O Porto Exterior não chegou a ser construído nesta época, mas fizeram-se aterros que permitiram a expansão da cidade. A construção do Porto Exterior começou em

1923 e terminou em 1926. No dia 26 de agosto deste ano, a zona do Porto Exterior foi aberta oficialmente. O primeiro guia turístico de Macau foi publicado em inglês no mesmo ano com o nome de *Macao Portuguese Colony in China*.

Conforme o autor, o governo de Macau pretendia atrair investimentos internacionais para Macau e estimular a economia local por meio da construção do Porto Exterior e da recuperação do Porto Interior. Para propagandear a cidade de Macau, considerou-se necessário publicar guias turísticos. Assim, *The Publicity Office Port Works Department* publicou dois guias turísticos em 1926 e 1927 com o objetivo de apresentar aos estrangeiros as oportunidades de negócios e estimular o turismo local.

Todavia, o sonho de atrair negócios internacionais não foi realizado por causa dos limites técnicos e políticos. A capacidade dos portos de Macau não satisfaz os requisitos dos grandes navios internacionais, mas permitiu o desenvolvimento da pesca. Até à década de 30, a pescaria constituiu 30% da exportação dos portos. Em vez de promover os negócios internacionais, a construção dos portos facilitou o transporte entre Hong Kong e Macau. A outra consequência foi o aterramento no leste da península que ofereceu condições físicas para o crescimento da população e a construção urbana. (Haberzettel & Ptak, 1991)

Nos três anos subsequentes à construção do Porto Exterior, três guias turísticos foram publicados. Podemos medir as transformações das iniciativas pelas mudanças na estrutura e nos títulos das publicações. Os guias turísticos tornaram-se cada vez mais profissionais e completos na área turística. No capítulo seguinte, analisaremos os guias turísticos pela ordem cronológica da sua publicação. Isso mostrará as transformações.

2.5. Os guias turísticos como fontes documentais

Deixando as funções práticas dos guias turísticos, tentamos provar a possibilidade e os valores de os guias usarem como fontes documentais. O estudo

de Henriques⁸ dá-nos um exemplo a descobrir a cidade Lisboa pelos guias, provando que os guias são muito mais do que um simples registo da realidade geográfica a que se referem (Henriques, 1996).

Ainda segundo o mesmo autor, os guias devem ser vistos como o modo de dizer a cidade próprio do universo turístico porque as informações são geradas e acolhidas dentro do sistema de significação da comunidade de turistas. Nomeadamente, por um lado, os guias refletem os estereótipos e as utopias, os quais ilustram o imaginário da comunidade textual; por outro lado, eles também revelam a geografia concreta que constitui o objeto do seu discurso. Compreende-se que os guias não apenas simplesmente relatam as paisagens dos pontos turísticos, mas se transmitem informações ideológicas contemporâneas, interpretando as forças sociais que configuram as imagens e os significados das paisagens por textos. Neste sentido, com a justificação da filosofia wittgensteiniana no termo das ciências sociais, afirma-se que a linguagem tem a influência crescente na formação do pensamento. (Henriques, 1996)

2.6. Um exemplo de analisar os guias de Macau como fontes documentais

Depois de termos estabelecido uma ligação entre os discursos e a cidade e de termos afirmado a possibilidade de utilizar os guias turísticos como fontes documentais, vamos estudar o caso de Macau levando em conta o trabalho de Forêt.

“I rely mostly on the comparison of the visual narratives provided by the tourist guidebooks published during the period. (Ho, 1994) (Pittis & Henders, 1997)) Paying attention to the omissions, repetitions and silences found in the descriptions

⁸ (Henriques, 1996)

of this unique historical landscape allows me to test the limits set by culture to the globalization processes that are transforming the southern coast of China. (Cartier, 2001)” (Forêt, 2006)

De acordo com Forêt, o valor dos guias turísticos e dos cartões postais foram ignorados apesar de oferecerem uma visão sólida da globalização e do colonialismo. Além disso, os guias turísticos antigos dão-nos evidências sobre as atitudes contraditórias e os silêncios políticos implementados pelas agências governamentais. (Forêt, 2006) Este autor dá o exemplo da Praia Grande em Macau para ilustrar o modo como os guias turísticos refletiam as mudanças de uma cidade. A Praia Grande, que se destacou pelos edifícios portugueses, designadamente o palácio do governador, foi considerada o principal ponto monumental de Macau no século XIX. No entanto, ao comparar os guias turísticos e os postais publicados no período entre 1910 e 1930, o autor descobriu dois aspetos importantes. “Instead of speaking about real places and true events, I suggest that we look at how subjective geography, one that plays with feelings of lack and loss, successively celebrated Praia Grande, divorced the bay from the Pearl River delta, and finally stopped photographing it.” (Forêt, 2006) O primeiro é que os guias turísticos e os postais mostram as coisas com subjetividade. Como se fosse uma *selfie* da cidade, as fotos e as palavras relatam a sua beleza e prosperidade por certo ângulo propositado, omitindo partes da verdade. O segundo é que, por causa da sua subjetividade, os guias turísticos e os postais revelam a variação da importância atribuída aos monumentos ao longo do tempo. O autor usa a Praia Grande como um exemplo, descobrindo que o seu estatuto de lugar representativo de Macau foi substituído pela nova construção do Porto Exterior na década 20. A Praia Grande, que tinha sido considerada o ponto mais fascinante da modernidade de Macau, ao entrar na década 60 deixou de representar a modernização (Forêt, 2006).



Figura 11- "View of Praya Grande, Macao", 1810

Fonte: https://ocw.mak.ac.ug/OcwExport/Akamai/21f/21f.027/rise_fall_canton_04/gallery_places/pages/cwM_1810c_M20533_PrayaGr.htm, consultado em 21 de Março, 2017

2.7. Conclusão

Terminando este capítulo, conhecemos melhor os guias turísticos. Os guias são os livros a que todos nós podemos ter acesso fácil no dia a dia. Frequentemente, usamo-los como uma ferramenta útil para ter o conhecimento geral do destino quando planeamos a viagem ou estamos a realizá-la.

Podemos dizer que os guias turísticos são fruto do desenvolvimento do turismo porque a sua emergência serviu o sector do turismo. Através dos estudos relativos a este assunto, sabemos que a construção dos caminhos-de-ferro ofereceu condições valiosas para expandir o turismo. O surgimento dos guias na Europa relacionava-se com os primitivos clubes ou serviços de viagem, de que é exemplo a Sociedade de Propaganda de Portugal. Este tipo de serviços oferece folhetos gratuitos de viagem aos seus sócios, promovendo assim a difusão de guias turísticos.

Os guias contêm características do género literário e do género não literário. Por causa da sua função principal, podemos considerá-los uma pequena exposição de todos os detalhes da cidade. Porém, quando consideramos os guias

turísticos como a fonte documental de análise, reparamos que não são meras ferramentas para turistas. Os guias podem ser considerados testemunhos da transformação da sociedade.

No caso da emergência dos guias de Macau, é inevitável falar da construção do Porto Exterior. Com o objetivo de expandir os negócios internacionais na década de 20 do século XX, o governo de Macau empreendeu a construção do Porto Exterior. Por consequência, *Port Works Department* de Macau publicou o primeiro guia turístico em inglês de Macau destinado aos mercados estrangeiros. Para atrair os investimentos estrangeiros, o primeiro guia acentua o aspeto moderno de Macau, por exemplo o Porto Exterior e a situação geral da indústria, e ao mesmo tempo apresenta os monumentos históricos.

Apoiados nas ideias do pesquisador francês *Guilcher* e no estudo de Henriques, devemos acentuar a influência da linguagem na formação dos pensamentos.

Usamos o texto de *Forêt* para mostrar a importância dos guias turísticos como fonte documental. O autor procurou testemunhos que manifestassem as atitudes do governo em relação a Macau. Serviu-se, para esse efeito, da comparação dos guias turístico e dos postais entre 1910 e 1930. Prestou atenção às omissões, repetições e silêncios na linguagem dos guias para extrair as opiniões profundas dessa época. Assim, o autor aproveitou os traços de subjetividade para encontrar os testemunhos da transformação da Praia Grande.

Capítulo III Macau através dos guias

3. Macau através dos guias

Nos capítulos anteriores, concentrámo-nos nas teorias que utilizaremos neste capítulo. Analisámos os guias em termos literários e enquanto fonte documental. Neste capítulo, focalizamos na análise dos guias concretos de Macau de cada período.

Tal como já se referiu no capítulo anterior, os guias podem refletir os aspetos sociais, as opiniões correntes e as preferências do governo local de cada período. Acabámos de dizer que os discursos influenciam a formação dos pensamentos (Henriques, 1996). Então, é possível reconstituir a imagem da sociedade de certa época pelos guias turísticos daquela época.

Antes de passar à análise, vamos descrever brevemente a metodologia utilizada.

O primeiro passo residiu em escolher os guias turísticos adequados para analisar. No momento da pesquisa, encontraram-se muitos guias turísticos de Macau. Mas o problema é que a maioria foi produzida na transição do século XX para o século XXI, que coincide com a Transferência de Poderes de Macau. Além disto, também nos deparámos com algumas décadas sem guias disponíveis. No processo de seleção dos guias, seguimos um critério de natureza temática. Nem todos os guias podem ser objeto de estudo devido à sua escassa dimensão textual. Por fim, selecionaram-se seis guias turísticos desde 1926 até 2016, os quais são representativos de cada período de Macau.

Tabela 4: Os guias turísticos de Macau

Ano	Guias
1926	<i>Macao: The Portuguese colony in China</i>
1928	<i>A visitors handbook to romantic Macao</i>
1964	Portugal no oriente.
1970	<i>Guide to Macau</i>
1996	<i>Macau Guide</i> (Macau informação)
2017	Macau Guia

(Fonte: Elaboração própria)

Logo que definimos os objetos de análise, decidimos os métodos e critérios de estudo. A metodologia da análise quantitativa baseia-se no trabalho realizado por Henriques⁹. No seu trabalho, utilizou a maneira de medir o espaço textual por temas diferentes para analisar a mudança invisível entre os guias. Para chegar ao objetivo, li e comparei os textos dos guias. A dissertação de Duarte Nuno Magalhães de Castro¹⁰ deu-me um bom exemplo para este efeito. Apesar disto, ainda utilizámos a tese de Maria Gonçalves¹¹ como referência.

Apoiado na metodologia de Henriques para quantificar os espaços ocupados pelos temas, decidimos contar o número de linhas completas dedicadas a cada um deles (Henriques, 1996).

Tal como referimos no capítulo II, o conteúdo dos guias nunca era apenas a introdução dos pontos turísticos, mas sim a mistura de todas as informações úteis para os turistas terem um conhecimento geral do destino, provavelmente incluindo o horário de transporte, o número de emergência, a situação geral, os costumes

⁹ (Henriques, 1996)

¹⁰ (Castro, 2012)

¹¹ (Gonçalves, 2008)

locais, etc. No entanto, o conteúdo dos guias vai mudando sempre para satisfazer as necessidades de cada época. Dentro dos guias, livrinhos portáteis, as alterações dos espaços textuais podem refletir as considerações dos editores. Mediante a medição dos espaços textuais, será possível verificar se existem alterações do foco nos guias de Macau.

Portanto, no caso de Macau, aplica-se a divisão dos temas de acordo com a metodologia de Henriques. A lista seguinte mostra-nos as composições dos temas provavelmente surgidos nos guias. Aliás, fazem-se ajustamentos nos temas para que reflectam adequadamente todos os guias. A seguir, compara-se a percentagem atribuída aos diferentes temas de cada período e visualizam-se os espaços textual.

Tabela 5: A divisão dos temas

Tema	Elementos
Paisagem urbana	Corresponde às referências explícitas a ruas, praças e bairros; vista panorâmica; as considerações gerais sobre o aspeto e a ambiência da cidade
Arquitetura civil	Inclui os palácios, casas nobres e edifícios históricos, bem como elementos notáveis da arquitetura popular e contemporânea
Arquitetura militar	Diz respeito a castelos, fortalezas, panos de muralhas e quartéis
Arquitetura religiosa	Inclui as igrejas, conventos, capelas e templos
Museus	Fundações e museus de temas
Estatuárias e monumentos diversos	Compreende as referências a estátuas, monumentos comemorativos de efemérides e sítios de valor arqueológicos
Jardins e parques	Jardins e parques públicas e temáticas
Infraestruturas e obras de Engenharia	Inclui as referências a infraestruturas e meios de transporte: rixexós, automóveis e barcos; portos; Comunicação; saneamento; iluminação e abastecimento de água
Equipamentos e instituições públicos	Compreende as referências a equipamentos de saúde, educação e cultura (escolas e universidade, bibliotecas, ...), equipamentos e instituições de assistência social, instituições penais, tribunais, bem como cemitérios
Atividades económicas	Compreende a edificios industriais e a referências relativas ao aparelho comercial...
Atividades culturais e lúdicas	Teatros, coliseu, jogos...
Hotelaria	Hotéis e restaurantes

(Fonte: a tabela alternada da origem de (Henriques, 1996) P.87-89)

3.1. Os guias de Macau

Sob este título, organizam-se as informações físicas dos guias selecionados como fontes documentais, as quais cobrem o ano de edição, o editor, as páginas, os tamanhos, o uso da cor e as línguas utilizadas. Estas informações podem dar-nos o conhecimento geral sobre a configuração deles.

Além disso, constatamos o desenvolvimento da qualidade de impressão, especificamos as agências responsáveis pela publicação e justificamos as escolhas das línguas.

Tabela 6: Formas externas dos guias turísticos de Macau

Nome do guia	Ano	Autor	Páginas	Tamanho	Modo de cor	Língua
<i>Macao: The Portuguese colony in China</i>	1926	<i>Publicity Office of the Harbour Works Department</i>	41	H:22.5cm L:15.5cm	Preto e branco (Capa colorida)	Inglês
<i>A visitors' handbook to Romantic Macao</i>	1928	<i>The Publicity Office Port Works Department</i>	40	H:21cm L:13.1cm	Preto e branco (Capa colorida)	Inglês
Portugal no Oriente (<i>Portugal in the Far-east</i>)	1964/ 1964	Agência Geral do Ultramar	32	L:11.7cm H:16.7cm	Preto e branco (Capa e as fotos inseridas coloridas)	Português/ Inglês
<i>Guide to Macau</i>	1970	<i>Macau Tourist Information Bureau</i>	20	H:21cm L:14.5cm	Preto e branco (título colorido)	Inglês + Japônês
Macau informação (<i>Macau Guide</i>)	1996	<i>Government Information Services</i>	78	L:14cm H:20.6cm	colorido	Português/ Inglês
Macau Guia	2017	Direcção dos Serviços de Turismo	136	Versão eletrónica	colorido	Português

(Fonte: A elaboração própria)

3.2. Os guias do século XX

Neste capítulo, analisaremos os guias que pertencem ao século XX, dividindo-os por décadas. Deste modo, temos guias com três períodos diferentes e começamos por introduzir os contextos respetivos. O primeiro é a década 20, em que se transitou da Primeira República para a Ditadura em Portugal. Ao mesmo tempo, a China também ficava numa situação política instável. O segundo período é as décadas 60 e 70, que marcam a etapa final do Estado Novo. Ao mesmo tempo, a China estava na Revolução Cultural (1966 -- 1976). O terceiro é a década de 90, em que Portugal entrou na Terceira República e a China continuou a exercer a Reforma e Abertura, testemunhando a transição de Macau.

3.2.1. Os guias da década de 20

Começamos por analisar os guias da década 20 do século XX, contando o espaço textual por temas diferentes. Conforme a pesquisa que fizemos, existem 3 guias impressos na década de 20 do século XX. O primeiro guia é *Macao: The Portuguese Colony in China* (1926). O segundo (1927) e o terceiro (1928) devem ser parecidos por que o terceiro é a segunda edição do anterior. Por não termos tido acesso à primeira edição do guia *A Visitors Handbook to Romantic Macao* (1927), analisamos a segunda edição, publicada em 1928.

Estes dois guias turísticos não têm grande diferença tanto no tamanho como na quantidade de texto. No entanto, ao falar do conteúdo, existem diferenças na estrutura e no foco dos guias. À primeira vista, notam-se diferenças nas capas e nos títulos.

Tal como referimos no segundo capítulo, uma das características dos guias é o título. O título do guia de 1926 é *Macao: The Portuguese Colony in China*. Como este é o guia de Macau mais antigo que se consegue encontrar hoje em dia, não esclarece todas as dúvidas quanto ao seu conteúdo. Esta hipótese quer dizer que

não podemos distinguir pelo título se este livro é um guia turístico ou um livro histórico da colónia portuguesa.

Observam-se alguns avanços no outro guia turístico deste período, que é *A Visitors Handbook to Romantic Macao*. Este título refletia dois pontos importantes para o definir como guia, que é “visitors” e “handbook”. Com estas palavras-chave, sabemos qual é a massa dos leitores deste guia turístico. Comparado com o guia de 1926, o de 1928 tem o propósito mais claro.

Constata-se que as fotos de capa dos dois guias representam duas maneiras de ver Macau. No lado direito, está a capa do guia de 1926; no lado esquerdo, a capa do guia de 1928. Reparamos que a capa de 1926 destaca um templo chinês, que corresponde ao título “*The Portuguese Colony in China*”. Na capa do guia de 1928, a figura mudou para um navio português que é o símbolo dos Descobrimentos.



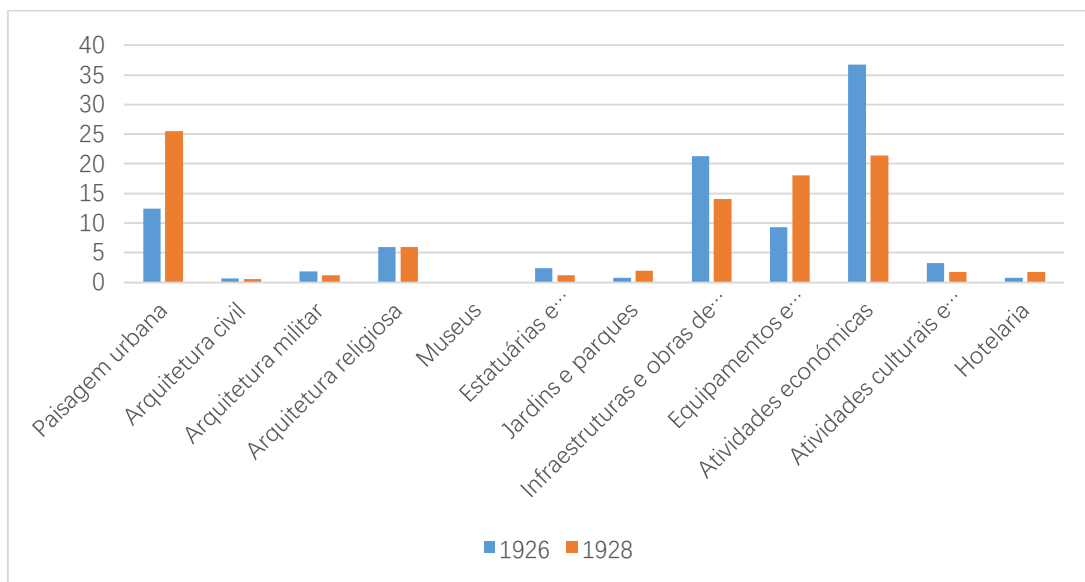
Figura 12- Os guias turísticos de 1926 e de 1928

Fonte: fotografia da elaboração própria, tirada em CCCM de Lisboa em 13 de Abril, 2017

Na parte interior, a diferença existente entre os dois guias é a disposição das palavras e das fotos. No guia de 1926, as fotos são inseridas no espaço textual. No entanto, no guia de 1928, as fotos são separadas do espaço textual, ocupando página separada.

Depois de ter a ideia geral sobre estes dois guias, entramos na análise sobre

os conteúdos. O gráfico seguinte representa-nos a variação dos espaços textuais por temas.



Gáfico 1: A comparação por temas do espaço textual entre dois guias da década 20 do século XX

(Fonte: Elaboração própria)

A partir da leitura do gráfico I, podemos constatar que a estrutura temática dos guias se apresenta a tendência desde o desequilíbrio de 1926 até o equilíbrio relativo de 1928. Cada guia tem os seus temas dominantes conforme com as estatísticas em cima. Observa-se que no guia de 1926 o tema de Atividades económicas se destaca de todos, o qual ocupa 36.7% espaço textual no total. Em segundo lugar, é o tema de Infraestruturas e obras de Engenharia (21.3%). Em contrapartida, o tema de Paisagem Urbana (25.5%) e Atividades económicas (21.4%) ressaltam em primeiro e segundo lugar respetivamente do guia de 1928. Conforme os capítulos anteriores, a estatística pode provar a hipótese que se levante antes. No primeiro guia, de acordo com a estrutura temática, também podemos chegar à conclusão que este guia não tem a intenção clara aos turistas, mas aos mercantes, porque mais da metade do espaço textual deste guia se enfoca nas infraestruturas e atividades económicas. Como referimos no capítulo

anterior, no ano de 1926, a construção de Porto Exterior terminou-se. O governo de Macau queria atrair os investimentos estrangeiros por este meio.

No entanto, esta situação melhora no guia de 1928. Tanto no título como na divisão do espaço textual, destina-se à massa dos turistas estrangeiros. A percentagem da paisagem urbana reflete o crescimento abrupto de 12.4% para 25.5%. Ao mesmo tempo, mesmo que o tema de atividades económicas ainda ocupe segundo lugar, o seu espaço textual é resumido bastante.

Devido à grande construção urbana na década de 20 do século XX, a estrutura da cidade mudou-se. Portanto, a transformação urbana refletia-se nas diferenças entre os dois guias.

Sob o tema de paisagem urbana, no guia de 1928 acrescenta o subtítulo “*A Suggested Itinerary*” que não existia no guia de 1926. No olhar de hoje, este itinerário é muito simples porque só tem os nomes dos pontos. Alias, a inovação do itinerário inserido tem valor prático, porque se notam os nomes dos pontos turísticos em Mandarim. Assim os turistas poderiam aproveitar este guia na viagem. Esta pequena mudança reflete a consideração do editor pelas necessidades dos turistas.

A Avenida de Almeida Ribeiro é o caminho principal de Macau que liga o Porto Interior e o Porto Exterior, atravessando o centro da cidade. A construção da Av. Almeida Ribeiro estava atrasada em relação ao Porto Exterior. Como o nome desta avenida tem muitas sílabas, a versão traduzida para chinês é muito complicada por ter muitos caracteres. Por isso, o povo local gosta de lhe chamar San Ma Lo (新马路), que significa o caminho novo para cavalos, porque era um caminho amplo e completamente novo naquele época. Esta avenida começou a ser construída em 1918, sendo o projeto mais importante da segunda década. A construção estava integrada no urbanismo higienista, influenciado pelas transformações urbanas das metrópoles ocidentais.

No guia de 1926, não existe a apresentação desta avenida, mas surgiu em

alguns endereços empresariais. Esta situação tornou-se mais comum no guia de 1928. A maioria dos endereços empresariais ficava na Av. Almeida Ribeiro. Esta avenida é apresentada como “*principal artery of commerce in Macao*”. Todas as indústrias consideram-na como o centro comercial. Em Julho de 1928, o President Hotel foi erguido na Av. Almeida Ribeiro, sendo o primeiro edifício de seis pisos em Macau. Além disso, Tal como nós referimos no primeiro capítulo, “Erguidos entre as décadas de 1910 e 1930, formam uma unidade urbana de assinalável originalidade, marcada por um gosto eclético patente nas fachadas que se desenham, desde um revivalismo neoclássico ao estilo mais modernista, passando pelo gosto *art nouveau* e *art déco*.”¹² Desde então, a Av. Almeida Ribeiro despenha o papel importante tanto no comércio como na arquitetura.

Em resumo, se consideramos o guia de 1926 como o primeiro guia turístico impresso no aspeto de formato em Macau, o guia de 1928 deve ser o primeiro guia turístico de Macau no termo de função turística. Como tinha o guia de 1926, o de 1928 desenvolve-se na escolha das palavras e da expressão escrita. Reparamos que dois anos de diferença entre os dois guias deram-nos imagens diferentes de cidade. O que mais destacado é o surgimento do centro comercial novo – Av. Almeida Ribeiro.

3.2.2. Os guias das décadas 60 e 70

A partir de 1955, Macau tornou-se uma província ultramarina de Portugal sob o regime de ditadura, mantendo este título até 1987. Portanto, os guias de 1964 e de 1970 foram produzidos sob este contexto.

O guia de 1964 – *Portugal no Oriente* – foi editado e publicado pela Agência Geral do Ultramar. Em 1957, de acordo com a documentação do Arquivo Nacional, “A Agência Geral do Ultramar continuou como organismo dependente do Ministério

¹² Ana Tostões, <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=516>, consultado em 15 de Abril, 2017.

do Ultramar, na reorganização conferida pelo Decreto-Lei n.º 41.169 de 29 de Junho de 1957, e estava vocacionado para fomentar o conhecimento recíproco das províncias ultramarinas e da metrópole, a divulgar no estrangeiro informações relativas àquelas, a orientar e desenvolver o turismo nas províncias e a exercer na metrópole procuradoria de interesses ultramarinos, prevendo já os serviços administrativos, os de informação e relações exteriores, os de turismo, e os técnicos.”¹³ Os objetivos da Agência Geral do Ultramar vão ajudar-nos a perceber melhor o guia.



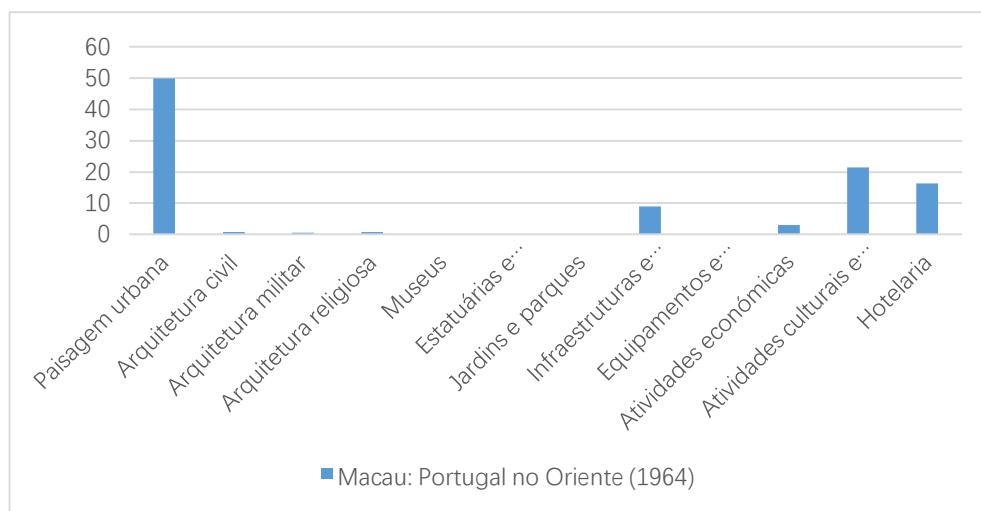
Figura 13- O guia turístico de 1964

Fonte: fotografia de elaboração própria, tirada em CCCM de Lisboa em 13 de Abril de 2017

O guia de 1964 tem duas versões encontradas no momento de escrever, uma em português e a outra em inglês (*Portugal in the Far-east*). As capas só contêm uma pequena diferença na palavra Macau (em inglês é *Macao*). Aliás, ambos têm o nome de Macau em caracteres chineses. Apesar da diferença de línguas usadas, estas duas versões são iguais na capa, na organização interna e até nas fotos inseridas. No formato externo, o guia de 1964 cumpre a característica de ser portátil. No aspeto das fotos, umas foram impressas a cores e outras a preto e branco. A maioria das imagens ocupa meia página e outras ocupam ainda mais. O

¹³ <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?ID=1117748>, consultado em 18 de Abril, 2017.

uso da tecnologia da impressão colorida ajuda os leitores a conhecer melhor a cidade antes da viagem e também é mais atrativo do que a impressão a preto e branco.



Gáfico 2: A comparação por temas do espaço textual de Macau: Portugal no Oriente de 1964 (Fonte: Elaboração própria)

Observando o gráfico II, podemos ter a impressão de que o guia se centra no tema da paisagem urbana. A verdade é que a maneira de descrever neste guia é diferente dos guias referidos. Portanto, em vez de apresentar a cidade pela divisão dos pontos turísticos, narra a cidade de maneira desfocada. Sinteticamente, representa-nos a imagem atrativa da vida folclórica em Macau, introduzindo alguns costumes chineses tal como a etiqueta chinesa de jantar.

Como a Agência Geral do Ultramar visa “fomentar o conhecimento recíproco, desenvolver o turismo e exercer na metrópole procuradoria de interesses ultramarinos”¹⁴, o guia de 1964 cumpre estas funções. Na primeira frase do guia de 1964, escreve-se assim “Tem sete colinas tal como Lisboa.” (Portugal no Oriente, 1964). Assim, logo no início, uma frase simples liga Macau com a metrópole de Portugal mediante um ponto comum. No entanto, esta não é a única frase que mostra a ligação das duas cidades. Alude-se às “ruas que se

¹⁴ ibidem

assemelham ao nosso Chiado, como a de Almeida Ribeiro, jardins palácios”. E refere-se: “Toda a cidade se ilumina a ‘néon’ – e já assim acontecia quando o ‘néon’ era ainda desconhecido em Lisboa.” (Portugal no Oriente, 1964). Reparamos que o guia utiliza os sítios de Lisboa para ilustrar a situação de Macau. Deste ponto de vista, a massa de leitores a que se destina deve ser o povo português da metrópole e das outras províncias ultramarinas portuguesas que não conhece Macau, mas poderia conhecer bem Lisboa.

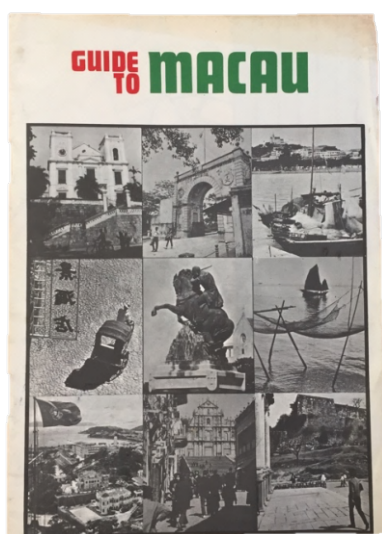


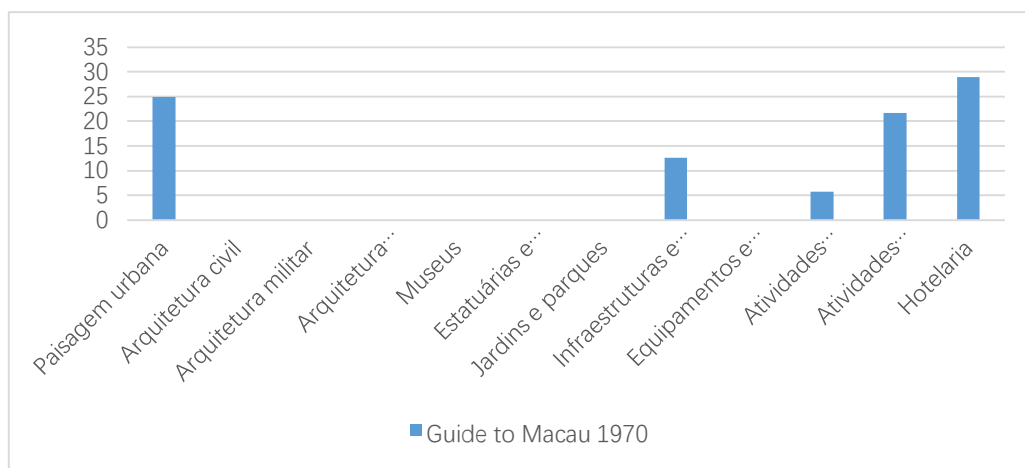
Figura 14- O guia turístico de 1970

Fonte: fotografia de elaboração própria, tirada em CCCM de Lisboa em 13 de Abril de 2017

Guide to Macau de 1970 é o primeiro guia publicado pelo Departamento de informação e turismo de Macau. Os guias referidos antes foram publicados por outros serviços, por exemplo, *Port Work Department* e Agência Geral do Ultramar, que não estão particularmente vocacionados para a promoção do turismo. Com o estabelecimento do Departamento de informação e turismo de Macau, os guias turísticos entraram na etapa da edição e produção especializada.

A capa do guia de 1970 contém uma imagem combinada de 9 fotos a preto e branco, a qual reflete os aspetos diferentes da vida em Macau. Apesar dos monumentos históricos e religiosos, ainda se evidenciam a atividade de pesca e o

meio de transporte “pedi-cab”. As imagens inseridas são a preto e branco, num total de cinco, a que se acrescenta um mapa da cidade. O guia é muito fino e leve comparado com os outros e é mais próximo de uma publicidade turística da cidade de Macau.



Gáfico 3: A comparação por temas do espaço textual do Guide to Macau 1970
(Fonte: Elaboração própria)

Neste guia, constatamos um ponto de viragem na evolução dos guias. No termo do espaço textual, a hotelaria ocupa a maior percentagem e em terceiro lugar vêm as atividades culturais e lúdicas. Comparado com os guias anteriores, é a primeira vez que estes dois temas ocupam tanto espaço textual. Tal como referimos no primeiro capítulo, em 1961, o sector de jogos foi legislado. Em 1970, com o estabelecimento do Casino de Lisboa, os três casinos maiores trabalharam para a prosperidade do sector dos jogos. Como em Macau os casinos estão equipados com grandes hotéis, entendemos o espaço textual concedido às atividades culturais e lúdicas e à Hotelaria, temas que crescem bastante.

O primeiro capítulo deste guia, intitulado “Arrival Formalities”, indica as condições e as regras a cumprir ao chegar a Macau. Por isso, é suposto os leitores do guia serem turistas. Comparado com os guias anteriores, este guia salienta o tema do lazer em Macau. Logo no início, apresenta os bares e os hotéis que

equipam os casinos.

O gráfico 3 revela ainda o crescimento do tema das atividades culturais e lúdicas, que se fica a dever não apenas ao sector dos jogos mas também à valorização das tradições e ao aumento dos festivais locais. No guia de 1970, constatamos a influência que vem de três “F” fomentados pelo Estado Novo. Em Portugal continental, os três “F” representam “Fado, Futebol e Fátima”, os quais são autênticos símbolos culturais. Macau, herdou e desenvolve-se os três F, mas eles representam “*Fado, Folk Dances, Festivals*.” O fado mantém-se nos três F de Macau; *Folk Dances* é a dança tradicional de Portugal; os *Festivals* combinam os feriados de Portugal e os da China. Os três F adaptados caracterizam o guia de 1970.

Outras atividades lúdicas surgem neste guia, por exemplo, *Dog Races* e *Grand Prix*. No itinerário apresentado no subcapítulo “Sightseeing”, surge a primeira referência a *Luís Camões Museum*, embora sem qualquer desenvolvimento. Também é a primeira vez que *Shopping* ocorre como subtítulo num guia. Aqui se verifica a importância adquirida pelas lojas de *souvenirs*, concentradas na Avenida Almeida Ribeiro. Quanto aos transportes, reparamos que os autocarros e os táxis se tornaram comum em Macau, substituindo os riquexós.

Em resumo, nas décadas 60 e 70, os guias mostram-nos diferenças notáveis quando comparados com os guias da década de 20. Primeiramente, em vez de introduzir os pontos turísticos sucessivamente, os guias apresentam a cidade de maneira desfocada, especialmente Portugal no Oriente de 1964. Seguidamente, os guias são caracterizados pelo Estado Novo, que se manifesta sob o tema das atividades culturais e lúdicas. Por fim, nota-se que o crescimento rápido do espaço textual da hotelaria reflete a mudança socioeconómica acontecida neste período.

3.2.3. Os guias da década de 90

Depois de ter analisado os guias da década de 70, vamos analisar os guias da

década de 90. Ao entrar na década 90, Macau acabara de dar um passo importante: em 1987, foi assinada a Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a Questão de Macau. Desde então, Macau entrou num período de transição. Portanto, no ano de 1996, a sociedade estava a preparar a sua nova identidade.



Figura 15- O guia turístico de 1996

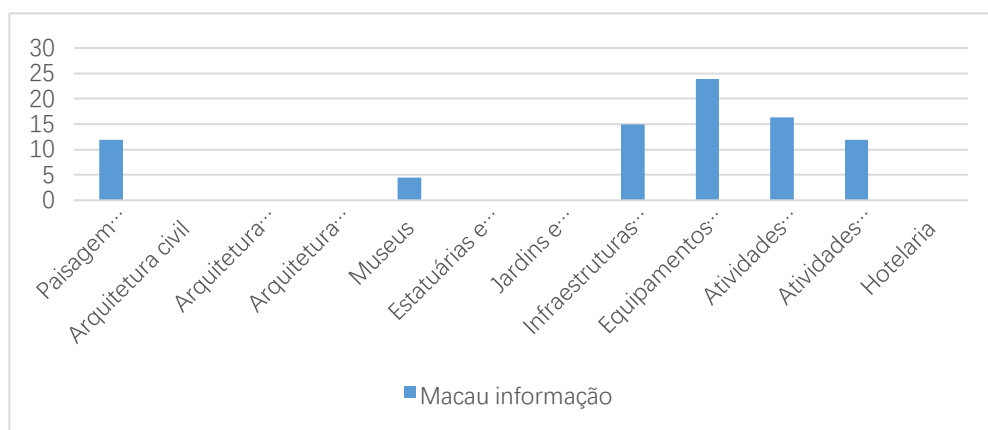
Fonte: fotografia da elaboração própria, tirada em CCCM de Lisboa em 13 de Abril de 2017

As capas dos guias de 1996 contêm a imagem da Ruína de São Paulo, embora cada uma capte um lado diferente. É a primeira vez que o monumento ocupa integralmente a capa de um guia, uma vez que no de 1970 ele surge em conjunto com outras vistas da cidade. Desde então, a figura da Ruína de São Paulo tornou-se o símbolo mais reconhecido de Macau, expondo assim um forte sentido de miscigenação cultural.

O guia de 1996 tem duas versões conhecidas: uma em inglês, com o título de *Macau Guide*; e a outra em português, com o título de *Macau Informação*. Apesar da diferença das línguas e das capas, não se encontram disparidades na estrutura nem no conteúdo. Portanto, analisamos a versão em português como exemplo.

No guia de 1996 apresenta uma qualidade gráfica muito superior à dos guias anteriores. Utiliza a tecnologia de impressão a cores, inserindo fotos coloridas de qualidade. Além disso, nota-se que as imagens e os textos têm uma ligação mais

forte. As imagens são as evidências do texto para que os leitores confiem nas palavras.



Gáfico 4: A comparação por temas do espaço textual de Macau Informação, de 1996
(Fonte: Elaboração própria)

Como o gráfico IV mostra, o foco deste guia está no tema de equipamentos e instituições públicas. A grande mudança da estrutura tem a ver com o período em que a sociedade se encontrava. Há uma frase neste guia que revela o sentido da mudança: “Macau, aposta, por isso, em acentuar a sua qualidade de local privilegiado e voltou-se já para a conquista de novos mercados, através de ações que visam criar uma nova imagem do Território, afirmando uma identidade própria.” (Macau Informação, 1996, P.52-53). Pelo menos podemos afirmar que a intenção deste guia é “criar uma nova imagem”. Mas como é que se atinge este objetivo? Analisamos os temas principais referidos no gráfico.

Em primeiro lugar, convém dizer que se alguns temas parecem ausentes isso não significa que não existam conteúdos ligados a eles. Meramente nem todos os guias se organizam por divisões iguais. Portanto, por vezes os temas misturam-se. Nesse caso, o espaço textual os gráficos refletem uma contagem que acentua o contexto principal.

Constatamos que o tema dos Equipamentos e instituições públicas ocupa maior espaço textual. Isto é por causa dos três subtítulos, os quais são “sistema

político”, “sistema judiciário” e “os anos da transição”. Além disso, o tema de infraestruturas e obras de engenharia também tem mais ponderação textual do que os anteriores. O foco neste tópico considera dois factos prováveis. Por um lado, explica ao público as organizações políticas do regime democrático instaurado depois da Revolução de 25 de Abril. Por outro lado, esclarece as dúvidas sobre o futuro dos órgãos do governo após a transição. Para além do mais, isto também é um meio de formar a nova imagem da cidade. A inserção de 27 fotos sobre estes temas permite apresentar a modernização de todos os aspetos na sociedade. 15 fotos ilustram precisamente as modernas infraestruturas de Macau.

No entanto, o que se destaca neste guia é o desenvolvimento dos museus. Voltamos a ver os gráficos passados e é evidente que não se encontra espaço textual independente sobre museus. Mesmo que a fundação do primeiro museu de Macau remontasse ao início do século XX, a maioria dos museus públicos, como por exemplo, Museu do Vinho (1995) e Museu do Grande Prémio (1993), construíram-se depois de 1990. Desde então, Macau concedeu uma grande atenção aos museus, inaugurando o museu da cidade, o museu do vinho e o museu marítimo, referidos neste guia.

O capítulo dedicado às “Tolerâncias cultural e religiosa” abre com a seguinte frase: “A tolerância cultural e religiosa é um dos traços mais marcantes da identidade histórica de Macau, lugar onde coexistem gentes das mais conhecidas religiões universais.” (Macau Informação, 1996, P.59). Observamos que os guias de Macau já se referiam a esta ideia sobre a característica da tolerância intercultural. No entanto, esta é a primeira vez que ele é salientado como elemento da identidade da cidade. Também é a primeira vez que se refere a coexistência de culturas e se alude a culturas minoritárias como o islamismo e o hinduísmo.

Em resumo, o guia da década de 90 manifesta um grande progresso tanto na qualidade da impressão como no conteúdo da formação da imagem nova. A

estrutura do espaço textual revela o foco nas construções modernas, tais como aeroporto internacional e outras infraestruturas, e, ao mesmo tempo, salienta as atividades culturais e lúdicas. Neste guia, também surge um novo interesse pelos museus.

3.3. Os guias do século XXI

No fim de 1999, com a Transferência de Poderes de Macau ocorrida no dia 20 de dezembro, Macau encerrou uma longa fase de governo português, que se prolongou por mais de 400 anos, e tornou-se oficialmente a Região Administrativa Especial de Macau da República da China. Com a chegada do século XXI, Macau preparou a candidatura do centro histórico de Macau a Património Mundial da UNESCO. Em 2005, foi inscrito com sucesso. Depois do reconhecimento da UNESCO, os valores de Macau foram redescobertos e estudados com mais profundidade tanto na área académica como no mercado turístico.

3.3.1. Os guias recentes

Com o desenvolvimento da tecnologia de impressão e o progresso dos aparelhos eletrónicos, as vias de informação turística diversificaram-se e os próprios guias adaptaram-se às novas circunstâncias. Os guias deixaram de estar limitados ao formato em papel. Surgiram, por exemplo, sob a forma de aplicações turísticas para telemóvel. Hoje em dia, pesquisar *on-line* tornou-se um meio cómodo para os turistas pelas vantagens de facilidade e rapidez. Todavia, os guias impressos não se extinguiram. No caso de Macau, até apareceram várias categorias de guias, dedicados a temas específicos, por exemplo “Macau Património Mundial”, “Museus de Macau”, etc. O primeiro guia referido apenas apresenta os pontos de interesse na zona do Património Mundial. Os guias temáticos normalmente são portáteis e o conteúdo deles é específico e tratado de

modo mais exaustivo. No entanto, como os guias analisados antes são de índole generalista, escolhi para estudar o guia de Macau publicado em 2017 que se cobre a globalidade dos temas.



Figura 16- O guia turístico de 2017

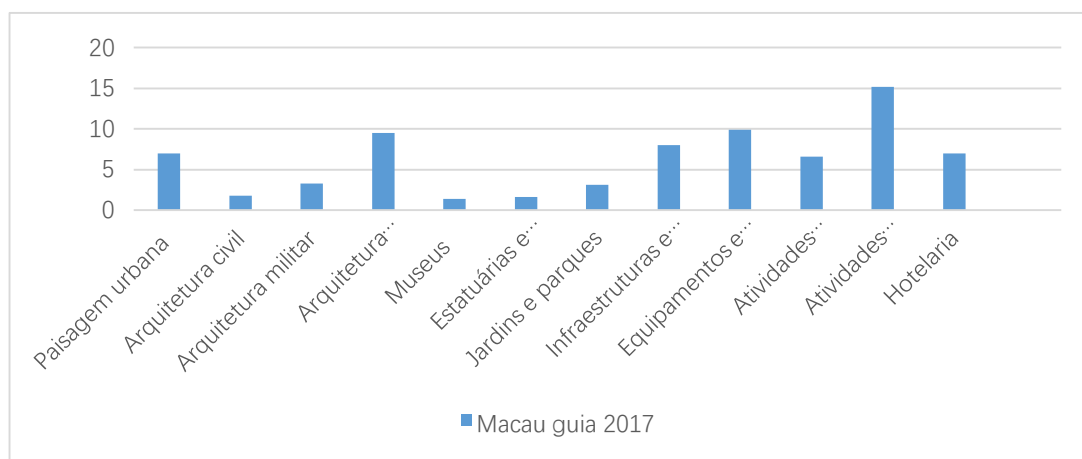
Fonte: fotografia de elaboração própria, tirada em CCCM de Lisboa em 13 de Abril, 2017

Quando olhamos a capa de Macau Guia de 2017, a primeira imagem que nos atrai é uma dança tradicional portuguesa realizada em frente da Ruína de São Paulo. À volta desta imagem principal, dispõem-se outras mais pequenas com aspetos modernos, antigos, orientais e ocidentais de Macau.

Macau Guia integra uma série de guias renovados anualmente pela Direção dos Serviços de Turismo. A pesquisa realizada sobre os guias desta série, desde Macau Guia de 1997, mostra que a capa tem sempre a Ruína de São Paulo como tema central. Vinte anos depois, a Ruína de São Paulo não só domina a capa de Macau Guia, mas surge em todos os guias turísticos como a representação de Macau.

Como o guia é de 2017, no momento em que escrevemos não dispomos da versão impresso. Em contrapartida, todos os guias recentes estão disponíveis no sítio eletrónico da Direção dos Serviços de Turismo de Macau. De acordo com a versão eletrónica, o guia contém 136 páginas, inserindo várias fotos e mapas com

boa qualidade gráfica. Os tamanhos das imagens são variados e quase todos os assuntos referidos contêm pelo menos uma imagem ao lado.



Gáfico 5: A comparação por temas do espaço textual de Macau Guia de 2017
(Fonte: Elaboração própria)

A partir do gráfico V, descobrimos que este guia cobre todos os temas indicados e apresenta um equilíbrio relativo entre eles. Mesmo assim, observa-se que o tema de atividades culturais e lúdicas se destaca, ocupando o maior espaço textual porque descreve em detalhe as celebrações, as festividades e os divertimentos locais. De acordo com a descrição no guia, “as festividades de Macau são um reflexo da mistura que é a sua população e incluem eventos portugueses, chineses e internacionais”. Sendo assim, visa atrair os turistas pela sua característica multicultural. (Macau Guia, 2017, P.90)

Nota-se que a arquitetura religiosa ocupa um espaço maior dentro da categoria da arquitetura. Isto é porque a arquitetura marcante de Macau é constituída por igrejas ou outros edifícios religiosos.

Na estrutura de Macau Guia 2017, o primeiro subtítulo presta atenção ao Centro Histórico de Macau, que foi classificado pela UNESCO em 2005. Aqui está a arquitetura representativa das várias culturas, incluindo o templo de A-Má e a Ruína de São Paulo. A zona mostra-nos as culturas diferentes e a sua convivência. Através do gráfico 5, constatamos que o guia usa bastante espaço textual a

descrever a arquitetura religiosa. Tal como referimos no primeiro capítulo, Macau foi o primeiro local do extreme-orientes ocupado pela cultura ocidental. Como o império de Portugal enviou missionários para Macau, aqui se edificaram muitos edifícios religiosos.

Em seguida, o subtítulo de Áreas de Interesse apresenta os pontos turísticos pelas suas localizações físicas. Misturam os aspetos modernos com os antigos. Enquanto o início do guia apresenta a zona histórica, a parte final reforça os aspetos mais atuais da cidade, como os centros comerciais modernos. Os numerosos hotéis luxuosos aprofundam a imagem de Macau. No fim, o guia oferece os turistas várias informações úteis sobre os transportes para Macau e em Macau, incluindo as vias aérea, marítima e terrestre. A maioria das vias construíram-se durante os últimos vinte anos. Outra novidade neste guia é o formato electrónico, para aparelho móvel, do guia turístico.

Em resumo, o guia de 2017 aqui analisado mostra maior equilíbrio textual do que os outros guias. Com a classificação pela UNESCO, o guia reflete a importância prestada ao património e concentra-se na arquitetura religiosa. Em geral, as atividades culturais e lúdicas também têm mais preponderância neste guia.

3.4. Conclusão

Terminando este capítulo, podemos afirmar que as necessidades culturais, sociais e até políticas de cada período se refletem nos guias. A análise quantitativa dos guias turísticos impressos de Macau torna evidente esses enfoques.

Primeiramente, através dos guias da década de 20 do século passado, observa-se a construção de uma importante infraestrutura (aterros do Porto Exterior) e a expansão urbana (Avenida de Almeida Ribeiro). A intenção profunda destes guias vem do desejo forte da sociedade macaense de atrair investimento externo para inverter o declínio económico.

Em 1964, o guia usa a maneira narrativa de “*zoom out*” para relatar as paisagens urbanas, expondo alguns costumes chineses, de que é exemplo a etiqueta chinesa de jantar. Destina-se a promover o turismo de Macau como província ultramarina de Portugal caracterizada pela sua beleza exótica. O crescimento estatístico da hotelaria e das atividades culturais e lúdicas do guia de 1970 mostra a prosperidade no setor dos jogos e do turismo em geral. Estes dois guias estão marcados por características do Estado Novo, por exemplo os três “F” de Macau.

Ao chegar no fim do século XX, Macau entrou no período de transição, formando uma nova imagem e procurando uma nova identidade. Isto revela-se no interesse demonstrado pelas construções modernas. Surge um novo interesse pelos museus. O uso da impressão a cores ajuda a ter o conhecimento visual e concreto.

Os guias recentes mostram a variedade dos temas e uma acentuação do uso e da qualidade das imagens. Depois da classificação pela UNESCO, os guias prestam mais atenção à promoção dos patrimónios. No entanto, o ar multicultural e o ambiente lúdico ainda ganham o peso maior neste guia. Como os guias impressos já não satisfazem as exigências dos turistas, aparecem guias em aplicações móveis e em sítios interativos que complementam os guias impressos.

Capítulo IV Transformação e permanência nos guias de Macau

4. As transformações e as permanências nos guias de Macau

Chegando ao último capítulo deste estudo, é a altura de apresentar os resultados encontrados na análise dos guias turísticos. Os capítulos anteriores desta dissertação seguem o caminho dos dois estudos referidos, quais são o caso de Lisboa (Gonçalves, 2008) e o caso do Porto (Castro, 2012) no mesmo âmbito, utilizando a metodologia de análise quantitativa de Henriques (1996)

Os guias turísticos não só podem restaurar a imagem da sociedade de certo época, mas também mostram as visões históricas, interculturais no caso de Macau. Se classificarmos as ideias de cada guia conforme os seus temas, poderemos descobrir as transformações ou as permanências de certo tema.

Em vez de procurar as imagens separadas dos textos dos guias de cada período, tal como fizeram os estudos referidos, tentaremos comparar os três aspetos fundamentais e deduzir as transformações e as permanências representadas nos guias turísticos. Os três aspetos que pretendemos analisar são as descrições da história, da relação intercultural e das imagens personalizadas.

Como analisámos os guias turísticos de Macau pela ordem cronológica no capítulo III, a tarefa deste capítulo é resumir as imagens sínteses para perceber as transformações e as permanências desses três aspetos a partir da leitura dos textos dos guias.

4.1. A descrição da história

A maioria dos guias refere a história da cidade, quer seja completa quer seja

resumida. Contudo, as descrições da história dos guias mudaram ao longo do tempo, porque em cada período os pensamentos têm os seus limites, que se refletem nas descrições. Para além do mais, queremos saber se, após a Transferência de Poderes de Macau em 1999, a maneira de ver a história passada mudou ou não. Para chegar a uma conclusão, teremos de analisar as descrições que dizem respeito à história. Como a história de Macau tem mais de 400 anos, escolheremos as mesmas circunstâncias históricas para fazer a comparação. Ao relatar a história de Macau, é inevitável rever o processo de fixação dos portugueses.

4.1.1. A narrativa histórica nos guias

“Prior to the advent of Portuguese, the water-routes of the China coast were infested with pirates and banditti who harassed the towns on the coast of ‘Middle Kingdom’ and waylaid the travelers on the seas. The redoubtable Portuguese vanquished the marauders, ejecting them from fastness after fastness, and for their doughty deeds the ‘Men of the Western Ocean’ were granted Macao by the Emperor of the ‘Celestial Empire’. The Portuguese reared up the strong-hold and emporium which they hold to this day.”
(Macao: The Portuguese colony in China, 1926)

“The redoubtable Portuguese vanquished the marauders, ejecting them from fastness after fastness, and for their doughty deeds the ‘Men of the Western Ocean’ received Macao as a free-will gift at the hands of the Emperor of the ‘Celestial Empire’.” (A visitors’ handbook to Romantic Macao , 1928)

“Os nossos, em duras e rudes pelejas, venceram os terríveis inimigos. O imperador, filho do Céu, no seu trono dourado da Cidade Interdita, não só

confirmou a licença de os portugueses ali se estabelecerem, como determinou que eles se poderiam considerar senhores da terra.” (Portugal no Oriente, 1964)

“Portuguese explorers first came to this area in 1513 and founded Macau shortly afterwards. In the more than 400 years since then, Macau has built for itself a lasting and important place in the history of both Eastern and Western hemispheres. It was here that – despite Rudyard Kipling – the twain of East and West met and has remained firmly joined ever since.” (Guide to Macau , 1970)

“Macau nasceu como um pequeno porto de abrigo para fugir a tempestades e secar mercadorias, e tornou-se, aos poucos, num entreposto indispensável para os comerciantes que negociavam com a China e o Japão.” (Macau informação (Macau Guide) , 1996)

“Inicialmente a península de Macau foi habitada por pescadores vindos das províncias de Fukian e Cantão... Com o acordo dos mandarins locais, os portugueses estabeleceram-se nesta região, criando vários postos de comércio, tornando-se esta península um lucrativo entreposto... A época dourada dos portugueses na Ásia desvaneceu-se com a emergência de rivais como os holandeses e os ingleses que passaram a deter o domínio das rotas comerciais.” (Macau Guia , 2017)

4.1.2. Análise

Como referimos antes, as frases tiradas dos guias apresentam-nos as narrativas históricas de maneiras diferentes. No guia de 1926, através das descrições como “redoubtable Portuguese” e “doughty deeds”, construiu-se a

imagem heróica dos portugueses que ajudou a China a livrar-se dos problemas causados pelos piratas. Esta imagem heróica pode-se remontar à obra de José Ignacio de Andrade em 1835, intitulada *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China: e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macáo*.¹⁵ Percebemos que a narrativa nos guias de 1926 e de 1928 tem a base enraizada na memória do povo português, na qual o ato da colonização se reveste dum espírito cavaleiro. Nota-se uma diferença entre estes dois guias, que é o modo como se descreve Macau e como se prova a legitimidade da residência. O guia de 1926 usa a expressão “‘Men of the Western Ocean’ were granted Macao by the Emperor of the ‘Celestial Empire’”, que de certo modo mostra a posição passiva de receber Macau como uma recompensa. No entanto, a descrição altera-se no guia de 1928, em que se diz assim: ‘Men of the Western Ocean’ received Macao as a free-will gift at the hands of the Emperor of the ‘Celestial Empire’.’ Salienta que Macau é um presente por livre vontade dos dois lados, o que cria um sentido de igualdade e legitimidade.

O guia de 1964, em vez de definir Macau como uma prenda, o que lhe dá um estatuto ambíguo, esclarece que a China só concedeu uma licença de residência e honras. Outra diferença encontrada no guia é que os “piratas e banditti” (nos guias de 1926 e de 1928) são tratados como “os terríveis inimigos”. Constatamos que o estilo da narrativa histórica deste guia se torna relativamente neutral comparado com os guias anteriores.

O caso do guia de 1970 é um pouco diferente por ser bastante resumido. Não tem um espaço textual tão extenso como os outros guias. A narrativa histórica evita os adjetivos que traduzam subjetividade. Em vez de explicar como é que no início os portugueses residiram em Macau, presta mais atenção à importância de Macau como local de encontro das culturas ocidental e oriental. Para além disto,

¹⁵ José Ignacio de ANDRADE, *Memória dos feitos macaenses contra os piratas da China: e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macáo*, 1835, editado por Typografia Lisbonense, Lisboa.

este guia refere as críticas do conhecido autor britânico Rudyard Kipling em relação ao colonialismo para se distinguir o caso de Macau. Rudyard Kipling escreveu *The Ballad of East and West* (1889), cujo primeiro verso diz: “*Oh, East is East, and West is West, and never the twain shall meet...*”¹⁶ Do ponto da vista deste guia, o caso de Macau é uma boa refutação de Rudyard Kipling.

A partir de 1996, aparece a versão familiar aos chineses. Com o pretexto de secar mercadorias, os portugueses residiram em Macau. Não se referem as lutas corajosas dos portugueses na costa sul da China contra os inimigos ou piratas, mas salienta-se que a força portuguesa se desvaneceu quando os holandeses tentaram invadir Macau (Macau Guia , 2017).

O guia de 2017, dezoito anos depois da transferência dos poderes de Macau, apresenta uma narrativa histórica baseada no ponto da vista da China. Isto reflete-se nos documentos históricos escolhidos, por exemplo aquele que alude ao “acordo dos mandarins locais”. Além disto, ao contrário dos outros, este guia começa por dizer que antes da chegada dos portugueses já havia povoamento chinês proveniente de Cantão e Fukian.

No entanto, ao descrever a história de Macau, todos os guias admitem a importância de Macau como entreposto comercial ligando o ocidente e o oriente.

4.2. A descrição da atitude sobre a relação intercultural

Como referimos no capítulo anterior, sabemos que o caso de Macau tem a sua particularidade, nomeadamente a sociedade multicultural histórica, comparando com os casos de Lisboa e do Porto. A história da coexistência começou com a chegada dos portugueses, testemunhando as transformações acontecidas em Macau. No guia de 1926 já aparece uma referência a esta característica. Hoje, a miscigenação cultural em Macau formou-se uma das identidades da cidade.

¹⁶ (KIPLING, 1889)

Como todos os guias gostam de descrever extensamente a coexistência multicultural em Macau, a seguir vêm os trechos selecionados de cada guia, os quais podem refletir a atitude sobre a relação intercultural do período correspondente.

4.2.1. A narrativa da relação intercultural

“Macao is very interesting to the tourist, who can find in this town, beautiful gardens, Chinese temples and evidences of Portuguese occupation from early times. The Chinese quarter will always be of interest to visitors, and it is quite close to the European residential centre.” (Macao: The Portuguese colony in China, 1926)

“To the visitor in search of pleasing scenes Macao offers beautiful gardens, quaint Chinese temples, interesting panoramas as well as many evidences of Portuguese occupation from early times. The Chinese district will always be of interest and lies quite close to the European residential centre.” (A visitors’ handbook to Romantic Macao , 1928)

“Autêntica cidade portuguesa, guarda no entanto o alacre sabor dos hábitos da milenária China e que hoje não se encontram em mais parte nenhuma. E o caso é facilmente explicado pelo nosso sentido de tolerância pelos credos e costumes dos outros. Assim o china de Macau – existem em Macau, embora numa população mais de quatrocentos mil chineses – tem toda a liberdade para manter suas práticas antigas, seguir suas religiões e cultivar sua língua. Não há em Macau qualquer separação por cores ou raças. O europeu, o macaense e o china vivem nas mesmas ruas e ocupam suas habitações nos mesmos prédios. Não existe o bairro china, como não há o bairro europeu. Não há divórcio – há convivência, mútua simpatia e

mútua amizade.” (Portugal no Oriente, 1964)

“東洋の小さなポルトガル ”と呼ばれるこのマカオポルトガル領土で、日本とは四百年以上もの歴史的な係があります” (Macau, conhecido como Portugal no Oriente, é um território português que mantém uma relação histórica com o Japão há mais de 400 anos.)¹⁷ ... “In the more than 400 years since then, Macau has built for itself a lasting and important place in the history of both Eastern and Western hemispheres.” (Guide to Macau , 1970)

“Com a sua tradição multissecular de ponto de encontro de culturas e civilizações, Macau tem no sector do turismo uma das suas principais atividades.” ... “A tolerância cultural e religiosa é um dos traços mais marcantes da identidade histórica de Macau, lugar onde coexistem gentes das mais conhecidas religiões universais. Poderia dizer-se, até, que no território se acotovelam diariamente católicos, protestantes, budistas, taoistas, confucionistas e ateus, sem que a diferença pareça minimamente incomodá-los. Não há guerras santas nem fundamentalismos.” (Macau informação (Macau Guide) , 1996)

“Todavia, Macau sempre soube manter uma atmosfera única que a torna muito diferente das regiões vizinhas. É hoje, como ao longo dos séculos, uma harmoniosa mistura entre as culturas chinesa e portuguesa, levada a cabo de forma pacífica pelas suas gentes. Na base da cultura local está esta sábia forma de vida.” ... “Na cidade respira-se uma atmosfera cosmopolita aliada a uma forma única de vida, onde, como sempre, a Europa encontra a Ásia e onde as duas comunidades mais representativas (chinesa e portuguesa) encontra um estilo de vida tolerante e de partilhas

¹⁷ Tradução nossa

recíprocas.” (Macau Guia , 2017)

4.2.2. Análise

Depois de apreciar as descrições sobre a particularidade de Macau nos guias, começaremos a analisar as mudanças de atitudes nelas presentes. Os dois trechos tirados dos guias de 1926 e de 1928 partilham alguns pontos comuns. Por exemplo, a partir das arquiteturas que representam as duas culturas, desenvolve-se a narrativa da relação intercultural. A seguir, introduzem o bairro chinês, “*The Chinese quarter*” (1926) e “*The Chinese district*” (1928), como um ponto turístico bastante atrativo. “*it is quite close to the European residential centre.* (O bairro chinês fica perto do centro da residência europeia.)” Mesmo que no sentido literal as frases expressassem a proximidade entre as duas culturas, em outras palavras percebemos que existia distinção e separação tanto geográfica como cultural. A foto seguinte, cuja legenda é “A street in China-town”, prova a distinção existente neste período.

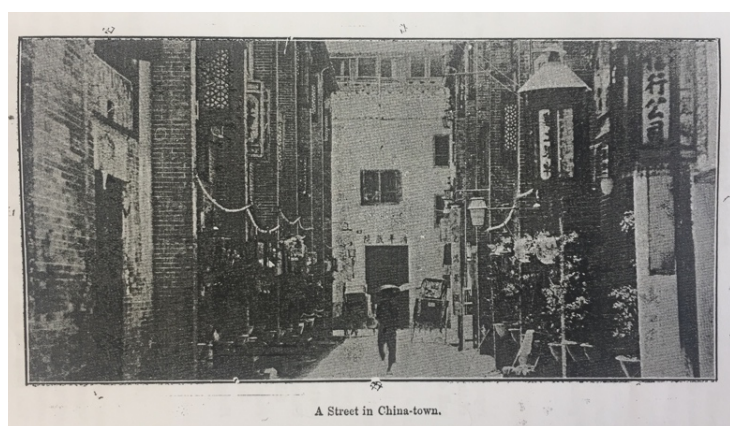


Figura 17- “A Street in China-town”

(Fonte: fotografia inserida em *A visitors' handbook to romantic Macao, 1928, P.35*, visualizada em CCCM, Lisboa.

Avançamos para ver como é que o guia de 1964 descreve a relação entre chineses e portugueses. A narrativa nega a existência da separação intercultural e de conflitos. O guia de 1964 apresenta a cidade de Macau como exemplo da

coexistência intercultural, cuja tradição é antiquíssima, o que contradiz os dois guias da década 20. No entanto, é provável que a situação da separação intercultural se tenha tornado menos visível geograficamente, uma vez que nas décadas anteriores havia numerosos refugiados vindo da China por causa das guerras. O guia explica a coexistência harmoniosa entre os chineses e os portugueses com a característica de tolerância. Curiosamente, este guia também relata comunicações interculturais a partir do ponto da vista ocidental. Por exemplo, apresenta os costumes que a gente ocidental tem de saber acerca da refeição chinesa.

O guia de 1970 contém meia página de espaço textual em japonês com a descrição da relação entre Macau e o Japão. Isto provavelmente destinava-se aos turistas japonese. Além disto, a narrativa intercultural, em vez de se focar nas culturas portuguesa e chinesa, estende-se ao “Eastern and Western hemispheres”.

A descrição intercultural estende-se a todas as partes do guia. A gastronomias, por exemplo, reflete a convivência das comidas chinesa, portuguesa e macaense. Para além do mais, referimos no capítulo III que os *três F* de Macau incluem o F de feriados, que combinam os principais feriados portugueses e chineses. Tudo isto mostra-nos o avanço da comunicação intercultural em Macau na década 70.

Desde o guia de 1996, Macau entende melhor o valor da particularidade multicultural na promoção do sector turístico. Para satisfazer a necessidade do desenvolvimento turístico, Macau explorava a variedade das manifestações da sua característica. Ao mesmo tempo, o âmbito da tolerância não se limita às culturas diferentes, mas também inclui a convivência entre as religiões universais. No guia de 1996, todos os aspetos da sociedade manifestam a coexistência intercultural, incluindo os monumentos construídos na década 90 para comemorar a amizade luso-chinesa.

Já passaram dezoito anos desde a Transferência de Poderes de Macau. As identidades marcadas pela governação portuguesa desvaneceram-se, mas

tornaram-se parte da história e continuam a viver nas arquiteturas preservadas. O guia de 2017 refere que as várias comunidades com culturas diferentes constituíram a forma de vida insubstituível de Macau. Esta particularidade está enraizada na sociedade macaense e cresce com o desenvolvimento de Macau.

Em síntese, a coexistência multicultural presente em Macau atravessou diferentes fases até chegar aos dias de hoje. Desde a fase com a falta da compreensão mútua até a penetração mútua, o desenvolvimento da relação intercultural reflete a história de Macau.

4.3. A imagem personalizada de Macau

Depois de analisar os dois temas específicos, voltamos a ver as imagens gerais de Macau que os guias nos pretendem transmitir. Tal como mostra o estudo de Castro (2012)¹⁸, a imagem de cada período tem de ser baseada em primeiro lugar nos textos dos guias e seguidamente no contexto histórico e outras referências. Portanto, a partir da análise textual de cada guia, reconstroem-se as imagens respetivas de Macau.

4.3.1. A personalização de cada guia

Imagem de 1926:

“Macao – Gem of the Orient Earth” – New commercial centre in construction.

O título de *“Gem of the Orient Earth”*, que foi dado por Sir John Bowring, quarto governador de Hong Kong, destaca-se no início do guia. Conforme a explicação do estudo de Forêt, este título reflete o lugar importante do comércio internacional no Oriente antes da ascensão de Hong Kong.

Na década de 20, a construção das infraestruturas e equipamentos ganhou

¹⁸ “Imagens do Porto: Os guias turísticos de 1864 a 2011”

importância, empurrando a tentativa de revitalizar a economia de Macau. A série de construções inclui a obra do Porto Exterior que manifesta o desejo de Macau dispor de um porto internacional. Também se inclui o centro comercial da Avenida de Almeida Ribeiro que ainda estava a ser aberta no ano de 1926.

Imagem de 1928:

“Macao – Gem of the Orient Earth” – Full of opportunities in trade.

O guia de 1928 continua a manter a citação de *“Macao – Gem of the Orient Earth”*. Só que, comparado com o caso anterior, o Porto Exterior já foi inaugurado e a Avenida de Almeida Ribeiro também já se tornou o novo centro comercial de Macau. O guia reflete a ambição de atrair investimentos internacionais.

Imagem de 1964:

“Macau – Cartaz de Portugal – Não há outra mais leal.”

Com a chegada da década de 60, o guia salienta que Macau é uma “autêntica cidade portuguesa”. O guia usa a maneira narrativa de “zoom out” para relatar as paisagens urbanas. Não se detém a caracterizar os pontos turísticos, mas sim relata o encantamento folclórico que distingue Macau das outras cidades portuguesas. O título de “Cidade do Nome de Deus. Não há outra mais leal.” provém do reinado de D. João IV e celebra a lealdade a Portugal mantida durante os sessenta anos de domínio espanhol. O guia de 1964 destaca, portanto, a ideia de lealdade e o núcleo português de Macau.

Imagem de 1970:

“Macau – the twain of East and West met and has remained firmly joined ever since.” Macau has a long history but it keeps changing and growing.

Os gráficos do capítulo III demonstram que houve no guia de 1970 uma mudança evidente tanto na estrutura com no conteúdo. Neste período, com o

desenvolvimento do terceiro sector, Macau presta mais atenção à exploração da potência cultural. Prevalece o desejo de ficar sempre na vanguarda do mundo. Isto poder-se-ia encontrar sempre na história de Macau desde o primeiro encontro entre o ocidente e o oriente.

Imagem de 1996:

“Macau em transição – o símbolo de convivência intercultural – a sociedade com solidariedade – o porto de abrigo para refugiados

Com o contexto social da década 90, constatamos que a sociedade se viu num período da transição em que se exigia o espírito da solidariedade para que se passasse esta etapa especial. As mudanças também se refletem nas infraestruturas, nos equipamentos, nos museus, as quais ajudam a formar uma nova imagem. A instalação do aeroporto internacional de Macau oferece outra maneira de chegar, promovendo a modernização de Macau. Como na primeira metade do século passado a Ásia sofreu várias guerras, um grande número de refugiados escolheu Macau como o seu porto de abrigo. Neste contexto, a cidade manteria esta tradição de caridade e de tolerância ao mundo.

Imagem de 2017:

“Macau – cidade cosmopolita com a tradição da harmoniosa mistura intercultural.”

Nos últimos dias, Macau entrou no segundo decénio depois posterior à transferência de poderes de 1999. O guia revela um maior equilíbrio no tratamento dos temas. As zonas de aterro já se tornaram áreas modernas e luxuosas. Graças aos turistas, a Avenida de Almeida Ribeiro continua a manter a sua prosperidade. O jogo inscreve-se de forma destacada na identidade da cidade. O carácter patrimonial do centro histórico, reconhecido pela UNESCO em 2005, ainda preserva o encantamento antigo e dá aos turistas a possibilidade de relembrar a

memória partilhada pelos povos chinês e português.

4.4. Conclusão

Chegando à última parte deste estudo, analisámos as narrativas histórica e intercultural. Através da análise qualitativa, observam-se as mudanças refletidas nestas duas vertentes. As imagens de Macau transmitidas pelos guias turísticos foram deduzidas da análise quantitativa do capítulo anterior, a que se acrescentou a análise qualitativa dos discursos. As representações refletem o modo como a cidade se vê a si própria.

Considerações finais

No início desta tese, levantámos uma questão principal sobre qual ou quais seriam as imagens transmitidas pelos guias turísticos de Macau no último século. Agora que chegámos ao fim, ultrapassando várias dificuldades relacionadas com a estruturação da dissertação, podemos dizer que encontrámos a resposta à questão levantada.

Primeiramente, começámos a definir o âmbito de estudo por meio de uma revisão da história de Macau. A cidade começou a ganhar importância após a chegada dos portugueses, na medida em que se constituiu como a primeira porta aberta ao mundo ocidental. Como esta cidade viveu muitos anos influenciados pelas culturas portuguesa e chinesa, muitos elementos históricos transformaram a sua configuração física e cultural. Referimo-nos, por exemplo, à arquitectura, tanto às igrejas e fortalezas ocidentais como aos Qilou¹⁹ e templos chineses.

Conforme a nossa proposta, este estudo centra-se nos guias turísticos. Depois da classificação do Centro Histórico de Macau como Património Mundial pela UNESCO, têm surgido cada vez mais estudos na área do turismo e da arquitetura. Aliás, no caso de Macau, infelizmente, ainda não surgiu um estudo sobre os guias. Para colmatar essa falta, partimos de estudos congéneres acerca de Lisboa e do Porto. Por isso, podemos considerar este estudo como o primeiro a aplicar este novo ponto de vista ao conhecimento de Macau.

Como os guias turísticos são os objetos deste estudo, é necessário que possibilitemos o seu conhecimento. As funções básicas dos guias turísticos são patentes para os turistas: ajudar os turistas a conhecer a cidade. Os guias turísticos detêm valores literários e históricos que justificam o seu estudo. Forêt

¹⁹ O estilo arquitetónico no oriente, que se referiu no primeiro capítulo

(2006) prova que os guias turísticos não são se reduzem à enunciação dos pontos de interesse. As opiniões sociais, culturais e até políticas de certa época também se refletem nos guias turísticos. Isto permite-nos ver e reconstruir os aspetos da cidade pela linguagem e pelos discursos dos guias.

Baseado no estudo de Henriques (1996), procedemos a uma análise quantitativa que permitiu visualizar as estruturas temáticas dos guias turísticos. A ênfase do primeiro guia analisado, de 1926, estava na promoção do sector económico, enquanto o guia de 1928 amplia a estrutura temática. Ao entrar nas décadas 60 e 70 do século passado, os guias adquirem uma maneira desfocada de narrar os pontos de interesse. Entretanto, o aumento rápido da hotelaria e das atividades culturais e lúdicas mostra a prosperidade no setor dos jogos. Chegando ao fim do século XX, o guia de 1996 põe o enfoque na formação de uma nova imagem de Macau caracterizada pela sociedade multicultural e pela tolerância. Graças à classificação como Património Mundial pela UNESCO, o Centro Histórico de Macau ganha cada vez mais atenção e isto também se reflete nos guias recentes, que valorizam a arquitetura religiosa e as atividades culturais e lúdicas. Apesar disso, a distribuição dos temas manifesta um equilíbrio relativo.

Além da transformação da estrutura temática, também se nota que devido à evolução das técnicas de impressão, as fotos inseridas nos guias turísticos desempenham uma função cada vez mais insubstituível. Neste momento, conforme o resultado da dissertação, podemos afirmar que existem mudanças nos enfoques dos guias turísticos.

Com base nos resultados da análise quantitativa, o último capítulo desenvolve a análise qualitativa dos discursos dos guias no que diz respeito à narrativa histórica e à narrativa intercultural. Na análise das narrativas históricas dos guias, observa-se uma transformação tanto na descrição como no olhar sobre a história. Também se nota uma série de mudanças na atitude em relação à coexistência multicultural.

A partir do ponto da vista dos guias turísticos, reconstroem-se as respetivas imagens de Macau. Na década de 20 do século XX, Macau é tido como uma cidade em construção e focada em desenvolver as atividades económicas, que vem a ser substituída, nas décadas seguintes, pela ideia de uma cidade portuguesa autêntica assente no terceiro sector e numa atitude intercultural. Nos últimos vinte anos, os guias turísticos transmitem centram-se no valor cultural e tradicional, acentuando para esse efeito o património material e imaterial. Macau de hoje é uma cidade que combina o antigo e o moderno, o ocidente e o oriente. Mesmo sendo limitado pela dimensão física, Macau não deixa de avançar.

A nossa tentativa de ver a cidade através do olhar dos guias turísticos confrontou-se com algumas limitações. Os guias turísticos de Macau que encontrámos não abrangem algumas décadas, por exemplo a primeira década do século XXI.

Apesar das limitações identificadas, considera-se que o estudo permite conhecer a cidade de outra forma e ajudar a suprir uma falta no âmbito dos estudos sobre Macau. Futuras investigações poderão comparar os guias turísticos locais com os guias produzidos no estrangeiro, concentrando-se em certos períodos.

Por fim, este estudo é apenas uma tentativa de desenvolver um novo conhecimento de Macau. Dada a importância do tema, considera-se que ainda há muito espaço para outros investigadores percorrerem.

Referências Bibliográficas

Obras citadas

A visitors' handbook to Romantic Macao . (1928). 40 . The Publicity Office Port Works Department.

Abreu, A. G., & José, C. M. (2014). *Quinhentos Poemas Chineses*. Nova Veja.

Aresta, A. M., & Oliveira, C. (2009). *Macau : uma história cultural*. Mem Martins : Editorial Inquérito.

Cartier, C. (2001). *Globalizing South China*. London: Blackwell Publishers.

Castro, D. N. (2012). *Imagens Do Porto: Os Guias Turísticos de 1864 A 2011*. Aveiro: Universidade de Aveiro .

Cisne, R. (2010). *Roteiro Turístico, Tradição e Superação: Tempo, Espaço, Sujeito e (Geo) Tecnologia como categorias de Análise*. . Caixas do Sul, Brasil: Universidade de Caixas do Sul .

Forêt, P. (2006). Globalizing Macau The Emotional Costs of Modernity (1910-1930). *Globalization and the Chinese City*, 108-124.

Gonçalves, M. (2008). *A LISBOA DOS E NOS GUIAS TURÍSTICOS Lisboa a compor-se ao espelho*. Lisboa: NSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DE EMPRESA.

Guan, J. (2009). 明代澳门的城市空间解读. *The Journal of Changjiang Culture*.

Guide to Macau . (1970). 20 . Macau Tourist Information Bureau.

- Haberzettl, P., & Ptak, R. (1991). Macao and its harbour : projects planned and projects realized (1883-1927). *Bulletin de l'Ecole française d'Extrême-Orient*, 297-316.
- Henriques, E. (1996). *Lisboa Turística entre o Imaginário e a Cidade*. Lisboa.
- Ho, W. (1994). *Xi ri Aomen Mingxinpianji (O passado de Macau Coleção de bilhetes postais)*. Macau: Fundação Macau.
- KIPLING, R. (1889). *The Ballad of East and West*.
- LIN, Y. (1999). *21st CENTURY MACAU CITY PLANNING GUIDELINE STUDY*.
Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau.
- Macao: The Portuguese colony in China. (1926). 41. Publicity Office of the Harbour Works Department.
- Macau Guia . (2017). 136 . Direcção dos Serviços de Turismo .
- Macau informação (Macau Guide) . (1996). 78 . Government Information Services .
- Matos, A., & Santos, M. (16 de 06 de 2004). Os Guias de Turismo e a emergência do turismo contemporâneo em Portugal (dos finais do século XIX às primeiras décadas do século XX). *Geo Crítica / Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, VIII(167).
- Mendes, J. A. (2004). Sistema de transportes em Macau: da tradição à modernidade, 1880-1930. *Biblos*.
- Pittis, D., & Henders, S. J. (1997). *Macao: Mysterious Decay and Romance*. Hong Kong: Oxford University Press.

Portugal no Oriente. (1964). 32. Macau: Agência Geral do Ultramar.

Santulli, F. (2010). La guida turistica como genere: tratti costitutivi e realizzazioni testuali. . *IV*(6), pp. 25-34.

Wu, Y., & Liu, X. (2004). *The Development of Macau Urban Architecture*. China: Southeast University School of Architecture.